Ano XIII — Lisboa, Fevereiro e Março de 1957 — N.os 142 e 143

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL — SERVIÇOS CENTRAIS

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO AVULSO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

NO CENTENÁRIO DE BADEN-POWELL

22 DE FEVEREIRO DE 1957



1857 — 1941

ESCOTEIRO-CHEFE MUNDIAL

NO CENTENÁRIO DE BADEN-POWELL

Não podia *Sempre Pronto* alhear-se do acontecimento que hoje comemoramos: o centenário do nascimento do Fundador: nenhum escoteiro pode esquecer a sua profunda dívida para com aquele que, pela primeira vez no decurso da história da Civilização, teve a intuição do modo prático de fazer um Homem.

Desde que, em 1907, Baden-Powell reuniu o primeiro núcleo de escoteiros, acontecimento cujo cinquentenário passa este ano, e que será condignamente comemorado com o grande Jambori jubilar a realizar em breve, até ao momento que estamos a viver, muita água correu por debaixo das pontes.

Digladiaram-se os povos em duas grandes e cruentíssimas guerras, continuam outros a digladiar-se, quer na guerra fria travada por detrás das Chancelarias, quer na guerra quente em que se derrama o sangue humano, o sangue de muitos jovens, esperança das suas pátrias. Novas descobertas científicas se fizeram, que vieram alterar profundamente o curso da História e também o da Civilização. Subverteram-se impérios e nações e criaram-se novos mitos sobre cujos altares se sacrificam culpados e inocentes, e de todos lados espreitam as ambições e se ergue a foice fatídica para abater a Liberdade. E olhando o passado, esse passado remoto que nos faz recuar até às profundezas do Tempo, dir-se-ia que jamais brilhou sobre a Terra o esplendor da Civilização Grega, e que a mensagem do Cristianismo jamais se fez ouvir. Parece, de facto, que a Civilização retrocedeu e que nos encontramos *ainda* em plenas trevas ancestrais, na época feroz em que o homem era o lobo do Homem.

E no entanto, alguém, em nossos dias, tendo recolhido as lições da sua própria experiência, procurou, não chamar os homens à razão, porque isso seria desejar o impossível, mas criar as condições favoráveis para a modificação completa do seu próprio «eu», incutindo nos espíritos juvenis os princípios eternos por que o Homem deve guiar-se para aparecer ao seu semelhante em toda a dignidade de ser humano.

Lançando as bases do Escotismo, Baden-Powell sabia que ia lançar à terra uma semente que frutificaria. E embora não morresse antes de ver os primeiros frutos dessa obra e pudesse supor que ela não atingira o seu alvo, o Fundador do Escotismo sabia que suposto fracasso se devia precisamente a tantos terem esquecido os princípios basilares do Movimento.

Efectivamente, se a monstruosa II Guerra Mundial foi possível, deveu-se a, em muitos países, terem-se desvirtuado e torcido deliberadamente esses princípios, luminosamente sintetizados na Lei. Só dessa forma podia ter-se incutido no espírito dos jovens ideias criminosas ou homicidas que despertaram ódios de raças e de crenças. Não foram os princípios de Baden-Powell que falharam: falharam os homens que os não compreenderam, falharam os chefes que os não souberam assimilar.

Porque o Chefe eminente, no limiar do seu livro famoso escreveu:

«O PRINCÍPIO SOBRE QUE O ESCOTISMO ASSENTA É O DE QUE SE ESTUDEM AS IDEIAS DO RAPAZ E ESTE SEJA LEVADO A EDUCAR-SE A SI MESMO EM VEZ DE O INSTRUIREM».

Nestas palavras se resume toda a pedagogia do Movimento; aí está todo o seu segredo, afinal tão simples. E tão simples e claras são estas palavras, que a gente se espanta de que haja quem procure destruir o Movimento sob capa de várias objecções tolas ou malévolas, ou o digam falhado por que uns tantos não foram capazes, por estreiteza de espírito, de o compreenderem mesmo nas suas linhas gerais.

Também o Cristianismo não é hoje o que o visionou o seu Fundador, e muitas distorsões lhe deram desde os tempos de Ário e de Nestório. E nem por isso, quando se lêem sem preconceitos o Sermão da Montanha e os depoimentos dos Evangelhos, poderá dizer-se que falhou a missão evangélica, que falhou o ideal cristão. Que seria do mundo se, ao findar a Idade Antiga, o Cristianismo não estivesse lá para salvar os restos da Civilização ameaçada pela avalanche nórdica?

Assim a sementeira de Baden-Powell continua também a germinar, à espera de frutificar e da ocasião em que os seus frutos se mostrem sazonados para felicidade do Homem sobre a Terra.

Os tempos são outros, dizem, e já as mentalidades são hoje diferentes de há 50 anos.

A esses, que costumam variar com os tempos, tal como as grimpas com os ventos, diremos: são diferentes os tempos, é certo, mas *o Homem é o mesmo*. O Homem não variou. Dentro da sua alma albergam-se, em germen, as mesmas noções de Bondade e de Maldade, de Honra e de Desonra, de Grandeza e de Baixeza, de Progresso e de Decadência, de Ascese e de Queda, de Idealismo e de Materialismo. Ser pluriforme, capaz de todos os actos nobilitantes, mas também de todos os mais repulsivos, importa que os gérmenes nocivos sejam definitivamente mortos dentro de cada um de nós, para que se expandam em frutos de Amor os que o têm em potência.

Esse é o papel do Escotismo, para isso o criou o Fundador, essa foi a sua esperança, para esse ideal levantamos todos os olhos, todos os que um dia abraçámos com entusiasmo um Ideal que foi todo o Ideal da nossa adolescência e da nossa juventude e que não deixámos estiolar-se e morrer dentro de nós. Recordamos neste momento os tempos heróicos do Escotismo, as lutas empreendidas para vencer um meio hostil, os desânimos e as esperanças, as dores e as alegrias, recordamos tudo isso e como após cada etapa nos sentíamos melhores, melhores com a nossa consciência, melhores do que os que iam ficando para trás por falta de ânimo para «conduzirem o seu próprio barco» como mandava o Fundador.

E ao completarem-se cem anos sobre o nascimento desse homem, a que a história da Educação já há muito abriu as suas páginas luminosas, não podemos deixar de agradecer à sua memória a sua abnegação, que o trouxe até junto dos jovens de todo o Mundo, o fez dar-lhes a mão e conduzi-los como um pai que quisesse amorosamente salvar os filhos dum perigo que de repente se abrisse aos seus pés.

Do fundo do coração lho agradecemos pelas oportunidades que nos deu de nos conhecermos a nós próprios, de nos aperfeiçoarmos, pelas alegrias que tivemos, pelos princípios que nos incutiu, por tudo aquilo, enfim, que na verdade deve constituir a alegria duma juventude que não deixou remorsos atrás de si.

Neste dia solene de recolhimento, em volta do túmulo simples de Nairobi, estarão perfilados em espírito todos aqueles que um dia envergaram o uniforme, os vivos e os mortos, desde os gloriosos que morreram no limiar do Movimento, como esse heróico John T. Cornwoll, até ao mais modesto «pata tenra», e erguendo o seu braço bem firme e os três dedos simbólicos, farão a Grande Saudação à memória daquele que partiu há 16 anos para o Acampamento Eterno, saudação de agradecimento, saudação de esperança.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

A passagem por Lisboa do «Cruzeiro do Adriático», viagem feita por Baden-Powell, sua Esposa, 420 Dirigentes das Guias e 120 Dirigentes dos Escoteiros, em Abril de 1934, vista por uma Chefe Guia Britânica.

Excerto do livro «The Cruise of the Adriatic» de Rose Kerr, Comissária Internacional das Guias Britânicas

Manhã de quinta-feira, 12 de Abril, numa radiosa alvorada, subimos o nobre rio Tejo. Às oito horas da manhã, com a maré favorável, acostávamos a Lisboa. Prontamente ouvimos gritos e uma multidão ondulante que nos aguardava. Tão depressa quanto foi colocada a escada de bordo, um numeroso grupo de amigos e jornalistas precipitaram-se para o barco.

Em Portugal há duas Associacões Escoteiras: A Associação dos Escoteiros de Portugal e o Corpo Nacional de Escutas. Estas estavam representadas pelo srs. Fausto Salazar Leite, Francisco Moreno, rev. J. J. Crowley, Godfrey Pope, que é sobrinho do Chefe e director da Anglo Portuguese Telephone C.o, e um esplêndido cooperador do Escotismo em Portugal. Deve-se à sua excelente organização muito do êxito do nosso dia em Lisboa.

A Associação Guia estava representada pela nova Chefe Comissária, D. Fernanda d'Orey, Senhora de Godfrey Pope, Menina Vasconcelos, a nova Secretária, Menina Doris Rawes, Comissária da Região de Lisboa, e diversas outras Chefes Guias.

No cais, vimos uma enorme linha de automóveis — eram noventa e três ao todo — aguardando-nos para nos levarem de excursão. Alguns foram visitar os principais pontos de Lisboa, mas muitos foram para a linda linha de Sintra, onde subimos ao Palácio Mourisco, com as suas enormes chaminés e as suas paredes decoradas com interessantes azulejos antigos.

(...) Regressámos por estradas à beira de precipícios, ornadas de lindas flores silvestres, pelas praias do Atlântico, e voltámos a Lisboa através Cascais com a sua velha fortaleza, e Estoril, enfeitado com rosas de trepar.

Os dirigentes Escoteiros foram convidados para um lanche no Hotel Miramar, no Estoril, oferecido pelo Clube Rotário, onde foram feitos vários discursos. Lady Baden-Powell, com uma parte das Dirigentes Guias, assistiu a um delicioso lanche oferecido pela Senhora de Godfrey Pope, no qual esteve presente a Embaixatriz Britânica, Lady Russel, a presidente da Associação das Guias, D. Lúcia Infante da Câmara Monteiro, e um número de senhoras, Portuguesas e Inglesas, que estão interessadas no Movimento Guidista. A sr.ª D. Fernanda d'Orey saudou a Chefe Guia com grande entusiasmo. O momento foi muito importante (1) na história do Guidismo em Portugal, porque estava sendo transferida a direcção britânica para portuguesa, tornando-se portanto o Movimento realmente nacional. A Senhora Pope, que tem sido até agora Chefe Comissária, convidou a Sr.ª D. Fernanda d'Orey para tomar o seu lugar e prometeu continuar a auxiliar o movimento como Comissária Internacional. Os Estatutos receberam ùltimamente, depois de uma longa demora, aprovação governamental, e as dirigentes sentem que podem agora trabalhar com confiança.

Depois do lanche, a Chefe Guia, acompanhada das sr.as D. Fernanda d'Orey, D. Lúcia Monteiro, Menina Vasconcelos e Senhora Kerr, foi recebida em audiência pelo Patriarca, D. Manuel Cerejeira, chefe da Igreja em Portugal. Sua Eminência expressou a sua aprovação ao Movimento Guidista e disse que não tinha dúvida de que ele contribuiria numa grande parte para a educação das raparigas de Portugal, desde que o padrão dos dirigentes seja conservado alto.

Depois desta visita, Lady Baden-Powell e dirigentes que a acompanhavam, foram para o Ministério da Instrução Pública, onde se juntaram aos Comissários Escoteiros, tendo sido apresentados ao Ministro da Educação, sr. dr. Augusto Sousa Pinto, pelo sr. dr. Braga Paixão, um grande auxiliar do Movimento Guidista.

O Ministro fez um agradável discurso de boas-vindas, no qual declarou que, o Movimento Escoteiro, quer de rapazes, quer de raparigas, não teria de recear pelo interesse do Governo e prometeu que empregaria os seus melhores esforços para o ajudar e encorajar em Portugal.

Dirigimo-nos depois para o Jardim de S. Pedro de Alcântara, no alto da cidade, onde encontrámos os Escoteiros e as Guias formados e prontos para o desfile. Eram cerca de três centenas de Escoteiros e cinco companhias de Guias, três de Lisboa, uma de Carcavelos, e uma que tinha vindo do Porto, sob a direcção da sua Chefe, a Senhora Hankin, a fim de cumprimentar as Chefes.

A Chefe Guia e Sir Percy Everett inspeccionaram ràpidamente a Parada e seguiram para a Câmara Municipal, onde, acompanhados de pessoas muito ilustres, permaneceram na varanda para assistirem à passagem do desfile.

A banda da Casa Pia abria o desfile, seguiam-se as bandeiras nacionais de Portugal e da Grã-Bretanha transportandas por Escoteiros-Chefes e flanqueada pelos estandartes das duas associações escoteiras. Após vinha uma comprida coluna das Guias Chefes do «Adriatic», dirigidas por Mrs. Kerr e Miss Dillon, estas eram seguidas pelas Guias de Portugal, depois os Escoteiros-Chefes do «Adriatic», e finalmente os Escoteiros Portugueses.

Marchámos descendo as calçadas da cidade, tendo sido lançadas sobre nós, de algumas janelas, pétalas de rosas brancas, e entrámos no Largo de Pelourinho, onde se encontra a Câmara Municipal. Em volta da praça, para nos saudarem, encontravam-se reunidas diferentes organizações de juventude — um muito feliz gesto. Parámos aqui enquanto se ouviam os Hinos Nacionais Português e Britânico e os estandartes se inclinavam. Passámos debaixo da varanda onde se encontravam a Chefe Guia e o Presidente da Câmara. Rodámos para a direita e saímos na direcção do rio. Seguimos por uma comprida avenida até ao cais onde o «Adriatic» se encontrava acostado. Formámos para inspecção e aguardámos a chegada da Chefe Guia. As Avezinhas, que não tomaram parte no desfile, juntaram-se-nos aqui para a inspecção.

Finalmente a Chefe Guia apareceu, vinda da Câmara Municipal, onde lhe foi oferecido um «Porto de Honra». Inspeccionou as Guias de Portugal, enquanto a D. Fernanda de Orey inspeccionava as Chefes Guias Britânicas e Sir Percy Everett os Escoteiros Portugueses.

Lady Baden-Powell foi para o navio juntar-se ao «Chief Scout», e deu-se então o grande acontecimento do dia, pois Lorde Baden-Powell estava naquele momento tão bem que tinha envergado o seu uniforme escoteiro, pela primeira vez desde há quatro meses. Estava ao portaló e falava aos Escoteiros e Guias que se encontravam em baixo, na sua bela e ressoante voz, que não tinha perdido nada da sua força e clareza, como um dos jornais portugueses disse: *A sua voz era a de um homem de vinte anos, pois os grandes ideais são sempre jovens.*

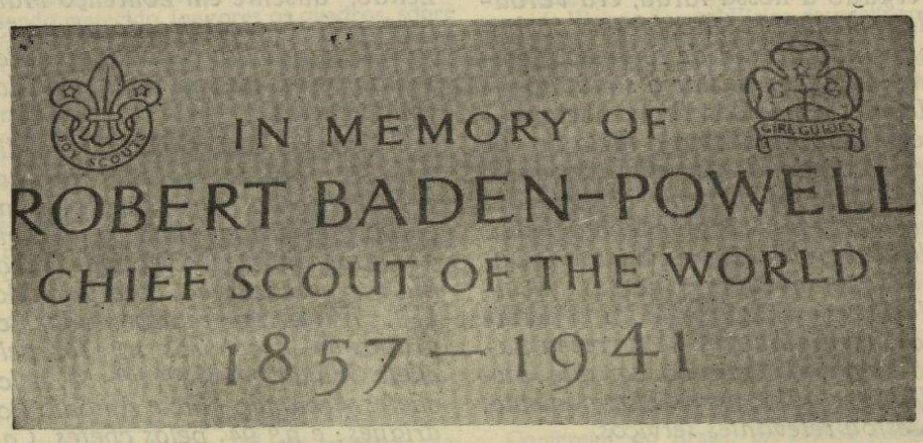
A Chefe Guia falou também e depois a formatura destroçou. Os passageiros do «Adriatic» regressaram ao navio e muitos Escoteiros e Guias Portugueses vieram também e estiveram aqui fazendo companhia.

Lady Baden-Powell e Sir Percy Everett convidaram os membros dirigentes das Associações Escoteiras e Guia para um rápido jantar a bordo e, entretanto, com muita pena, chegou o momento de dizer adeus.

(...) O dia em Lisboa foi um esplêndido encerramento de um muito feliz cruzeiro.

ROSE KERR

(1) *N. da R.— Foi, de facto, um acontecimento importante na história do Guidismo em Portugal, mas sem o carácter optimista com que é citado.*



Lápida em memória de B.-P. na Abadia de Westminster, em Londres

Este número foi visado pela Comissão de Censura



Faustino dos Santos Leitão



Tendo-se agravado os seus padecimentos, este nosso dedicado companheiro voltou a ser internado, agora no Hospital de Santa Maria, numa derradeira tentativa para frustar um desenlace que parecia já inevitável. Foram inúteis os esforços dedicados dos médicos e do carinhoso pessoal daquele estabelecimento hospitalar. Internado em 29 de Janeiro passado, Faustino Leitão falecia em 5 do corrente, um dia depois de ter completado 56 anos de idade.

Todos que no «Sempre Pronto» trabalham, sentem profundamente a perda deste seu querido amigo. Faustino Leitão era um bom colaborador do nosso jornal. Discretamente, assegurava o regular funcionamento do nosso serviço de assinantes, roubando às horas de repouso e distracção o tempo necessário para a passagem de recibos de assinatura e escrituração de fichas, cooperando ainda por vezes na redacção.

Desde muito novo se interessou pelo Escotismo, observando as actividades do Grupo n.º 1 na rua das Gaivotas, e, embora nunca tenha envergado a nossa farda, era verdadeiramente escoteiro. Mesmo no hospital, não deixou de falar do Movimento e conquistar a simpatia de doentes e médicos. Prova o seu interesse pelo Escotismo o facto de lhe ter confiado, desde cedo, o seu único filho, que foi elemento de valor dos grupos 79 e 94. Algum tempo depois do «Sempre Pronto» ter iniciado a publicação, sabedor das nossas dificuldades em assegurar todos os serviços, imediatamente se ofereceu para colaborar naquilo em que pudesse ser útil e, desde esse momento, prestou relevantes serviços.

Culto, inteligente, esperantista entusiasta, foi professor desta simpática língua auxiliar. Muito interessado pela Filatelia, tinha correspondentes nas nossas províncias ultramarinas e no estrangeiro. Dirigente cooperativista, empregava o tempo livre das suas obrigações profissionais em todos estes labores de cunho educativo e social, índice das suas qualidades de carácter, contando inúmeros amigos em todos os sectores onde exercia a sua actividade, mesmo na esfera profissional, onde era muito estimado.

Deixa viúva a sr.ª D. Ana Soares Ramos Leitão e era pai do nosso camarada e antigo escoteiro Ernesto Leitão, ausente em Lourenço Marques, e tio do escoteiro do grupo 53, José Reinaldo Pinto, aos quais apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

O seu funeral realizou-se no dia 8 do Hospital de Santa Maria para o cemitério da Ajuda, tendo-se incorporado grande número de amigos, esperantistas, colegas de trabalho e a gerência da casa Torrado, L.da. Estiveram representados os grupos de Escoteiros n.º 10, pelo chefe Samuel Vieira; n.º 53, pelos chefes Armando Lino e António Rodrigues; e n.º 94, pelos chefes Capitolino Macedo e Manuel Tacão Monteiro. O Corpo Directivo do «Sempre Pronto» esteve também presente na última homenagem ao seu bondoso camarada.

O «Sempre Pronto» e o Jubileu do Escotismo

O próximo número do «Sempre-Pronto» será dedicado ao Jubileu do Escotismo. Esperamos especialmente fazer um pouco de história dos jamboris e, particularmente, da participação de Portugal nessas grandes concentrações do escotismo mundial.

Apelamos, por isso, para todos os Antigos Escoteiros que tomaram parte nos jamboris anteriores à última guerra para nos ajudarem neste empreendimento, enviando-nos elementos de informação e recordações pessoais dessas actividades, colaboração que será acolhida com o nosso agradecimento.

• • o • •

Boa Acção do Natal do Grupo 94

Este activo grupo da Ajuda realizou, por ocasião do Natal, a sua habitual Boa Acção, este ano com um aspecto diferente. Os Lobitos e Escoteiros recolheram as ofertas entre as suas famílias e constituíram pacotes de géneros alimentícios, que foram levar a casa de famílias muito pobres da freguesia da Ajuda. O acto dos rapazes foi muito apreciado, tendo sido acolhidos com a maior simpatia.

Depois desta distribuição, reuniram-se lobitos e escoteiros na sede e em conjunto festejaram o Natal com um chá íntimo, que decorreu com muita alegria.

Se calhar não sabe que...

O nome de MARIA DA FONTE foi dado a um levantamento popular que teve origem no Minho, em meados de Abril de 1846. Esta revolução, iniciada por mulheres que, com chuços, foices e paus, se opuseram à lei que proibia a inumação de cadáveres dentro das igrejas, alastrou por todo o País, causando a queda do governo de Costa Cabral. Não se sabe, ao certo, a origem da popular denominação. Alguns historiadores sustentam tratar-se de uma alcunha dada à mulher que iniciou a sublevação, em virtude da mesma residir no lugar da Fonte, concelho de Póvoa de Lanhoso, enquanto outros asseveram ser o nome real da heroína. Existe ainda a versão que identifica esse nome com o de uma mulher, chamada Maria, a qual possuía uma estalagem naquela vila, perto de uma fonte, do que proveio a denominação. Esta mulher, embora não tomasse parte activa na insurreição, auxiliou os sediciosos com refeições e abrigo.

* * *

Os CAMELÍDEOS constituem uma família bem característica de que fazem parte, entre outras espécies a do camelo e a do dromedário. São ruminantes que vivem em domesticidade. O camelo pròpriamente dito, o animal de duas corcovas ou bossas, vive nas estepes da Ásia Central, onde os mongóis o utilizam como animal de carga. O dromedário animal de uma só bossa encontra-se nos desertos da Arábia e do norte de África, prestando, apesar do seu mau génio, inestimáveis serviços, que lhe valem a denominação de *navio do deserto*. É um animal muito resistente, sendo capaz de caminhar mais de 10 horas por dia com pesadas cargas, deslocando-se a cerca de 4 km. por hora. Defende-se eficazmente das tempestades de areia. Pode estar vários dias sem comer nem beber e, em boas condições de nutrição, é capaz de andar dias seguidos sem descansar. À família dos Camelídeos pertencem ainda os Lamas, que vivem na América do Sul, dos quais se conhecem 4 raças: o guanaco e a vicunha (selvagens); e o lama pròpriamente dito e a alpaca (domésticas), todas elas muito apreciadas pelas suas peles.

• • o • •

O trabalho do Chefe do Grupo consiste em despertar no rapaz a ambição e o desejo de aprender por si mesmo, sugerindo-lhe actividades que lhe interessem ou lhe despertem o interesse pela forma como se lhe apresentam.

GILCRAFT

DOS AÇORES

Grupo 52 — Angra do Heroismo

Confraternização

Este grupo foi convidado a assistir às promessas solenes dos componentes do agrupamento das Lajes do C. N. E., tendo-se feito representar pelo Chefe Moniz Silva e uma delegação de Escoteiros e Caminheiros. Estiveram também presentes delegações do Grupo n.º 1 Lajes, da «Boy Scouts of America», Clã de Caminheiros do Seminário de Angra e do Agrupamento da Praia da Vitória do C. N. E.

Depois das cerimónias escotistas e religiosas, foi oferecido pelo grupo visitado um abundante lanche a todos os convidados, tendo comparecido o sr. Coronel Costa Franco, comandante da Base Aérea n.º 4, o Rev. Dr. Manuel Ferreira da Silva, membro da Junta Central do C. N. E.

À tarde, realizou-se uma sessão no «Azoia», na qual foram apresentadas canções escotistas e regionais sob a direcção do Rev. Padre Lino, assistente do agrupamento, e um episódio histórico. Foi também prestada uma significativa homenagem pelos Dirigentes do C. N. E. ao Rev. Ferreira Silva, que, refeito da surpresa, deliciou a assistência com um magnífico improviso sobre Escotismo.

D. C. T.

Nos exercícios realizados em 15 de Dezembro, colaboraram os Caminheiros deste Grupo, João Ávila, Francisco Borges e Ludgero Moreira.

Presépio

Por iniciativa do Caminheiro Leopoldino Tavares e de colaboração com os Escoteiros Elias Luís, Eurico Rodrigues e Carlos Tavares, estes construíram um pequeno presépio de dois quadros, Nascimento e Reis Magos, que esteve patente ao público na quadra de Natal.

Boa acção do Natal

Os escoteiros deste grupo realizaram mais uma vez a B. A. colectiva do Natal, novamente em colaboração com o Grupo n.º 1 das Lajes, da Boy Scouts of America. — *C*

• • o • •

O «Sempre Pronto» nos Açores

O chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva incansável lutador do Escotismo em terras açoreanas, dirigente do grupo 52 e, até agora, agente-correspondente do nosso jornal, enviou-nos, na data e a propósito do nosso aniversário, uma expressiva carta de saudação, onde formula votos para que o «Sempre Pronto» continue melhorando cada vez mais e afirma que «é seu desejo, no corrente ano, intensificar cada vez mais o seu labor entusiástico em prol da nossa Causa, aceitando desde já procurar alargar a sua esfera de acção aqui nos Açores».

Agradecemos a Moniz Silva toda a sua dedicação por esta Obra e as suas palavras amigas e, sobretudo, ter aceite o nosso convite para representar o nosso jornal em todo o Arquipélago. A partir de agora, portanto, o Chefe Moniz Silva é nosso Delegado nos Açores. Com ele se devem entender os grupos que desejem cooperar com o «Sempre Pronto» e, estamos certos, do seu labor irão resultar grandes benefícios para o Escotismo nas Ilhas através da acção do nosso Jornal.

• • o • •

Companhia de Guias de Portugal «Rainha D. Leonor» e Grupo n.º 10 dos Escoteiros de Portugal

As Chefias destes dois agrupamentos comunicam a todas as unidades escotistas e guidistas que transferiram as suas Sedes para a Rua Tomás da Anunciação, n.º 56-C 1.º, em dependências da Igreja Evangélica Presbiteriana de Lisboa, onde terão sempre muito prazer em receber os seus amigos.



Novas assinaturas para o «Sempre Pronto»

Campanha Centenário de Baden-Powell

Mais assinaturas estão chegando em resposta ao nosso apelo. O nosso amigo Sr. Eugénio Ribeiro Nunes, um antigo escoteiro que mantém a sua fidelidade ao Movimento, mandou-dos a sua prova de simpatia: 1 assinatura. António Norberto de Sousa Cunha, de Faro, um novo e entusiasta escoteiro, remeteu 3. Fernando Simões, do Grupo n.º 10, 1. Manuel Gomes Godinho, 2. Manuel António Lopes Duarte e João António Gomes Baptista Néné, todos de Vila Real de Santo António, provam-nos que o Grupo 60 mantém o seu entusiasmo e propõem-nos, respectivamente, 2 e 1 assinaturas.

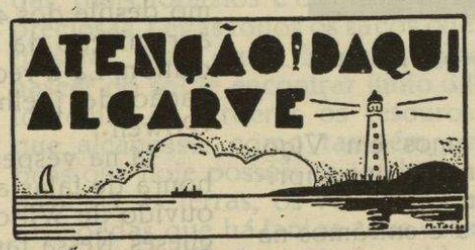
Temos, portanto, mais 10 assinaturas. *UM TOTAL DE 82.* É pouco. Falta-nos a sua cooperação, caro leitor.

A classificação por Patrulhas publicada no último número, deve ser feita a seguinte adição:

Águia, do Grupo n.º 60	8	assinaturas
Poupa, » » » »	2	»
Lobo, » » » »	1	»

O prémio da 75.ª assinatura coube ao sr. António Norberto de Sousa Cunha. Deve este nosso amigo indicar-nos se deseja receber o talher de campo ou prefere o livro «Eclaireurs» de B. P.

A todos os proponentes será remetida a senha para o sorteio da viagem a Madrid e os prémios a que tiverem direito.



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Conforme é já tradicional, este Grupo realizou uma festa de passagem de ano, acto que foi ensejo para o encerramento do Concurso «Troféu Grupo n.º 60». Ganhou o primeiro prémio a Patrulha «Águia», seguida de perto pela «Poupa» e mais distante a «Lobo».

O Chefe do Grupo fez o elogio da lealdade e esforço empregado pelas Patrulhas e entregou os prémios, entre os quais avultava o troféu, uma pequena escultura em bronze representando S. Jorge em luta com o dragão.

Os visitantes apreciaram depois uma interessante exposição de trabalhos manuais, tendo merecido louvores os quadros, sobre motivos escotistas, da autoria dos Guias Gilberto Guerreiro e José Manuel de Jesus Fernandes, que mostram decidida vocação para o desenho e pintura, bem como reproduções em madeira de quase todas as ferramentas de carpinteiro, executadas pelo escoteiro Armando Monteiro de Deus.

A festa encerrou com um chá e os habituais «fritos», tendo-se feito alguns brindes para o novo ano, especialmente salientando o seu significado escoteiro, em face das comemorações do Centenário de B.-P. e do cinquentenário do Movimento.

Actividade de exterior

A primeira saída deste ano efectuou-se no dia 13 de Janeiro. As três patrulhas realizaram um animado concurso-jogo na mata local e nos arredores da Vila. Fizeram-se evoluções, transmissões de morse e homográfico, pistas, e primeiros socorros, nós, provas atléticas, etc. A patrulha «Águia» alcançou a melhor pontuação. — *C.*

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Doentes — Operado de urgência, esteve internado no Hospital da Cuf o nosso estimado amigo subchefe António Pereirinha Pinto, do Grupo «Pedro Álvares Cabral». Encontra-se já restabelecido, motivo por que muito o felicitamos

● Também foi operado e já se encontra restabelecido, o Caminheiro do Grupo 94 Luís Garcia Inácio, nosso dedicado assinante, a quem felicitamos pelo êxito da operação.

● O mesmo sucede com o nosso caro amigo sr. António Xavier de Brito, do conselho fiscal da Fraternal, a quem igualmente felicitamos pela forma como decorreu a operação.

De parabéns--O nosso estimado amigo e assinante sr. Roberto Moro, e sua Esposa, de Madrid, encontram-se de parabéns pelo nascimento de uma menina em Dezembro passado, a quem desejamos as maiores felicidades.

● Também o lar dos nossos estimados amigos, sr.ª D. Maria Aida Morais de Almeida Vieira e Samuel Vieira, respectivamente chefes da Alcateia e do Grupo n.º 10, foi enriquecido com a sua primogénita, uma linda menina, a quem desejamos mil felicidades,

De Luto — Por falecimento de sua mana, ocorrido em 8 de Dezembro passado, encontra-se de luto a sr.ª D. Manuela Filipe de Macedo, esposa do nosso Administrador e Amigo Capitolino Ferreira de Macedo, a quem apresentamos sentidas condolências.

• • o • •

PUBLICAÇÕES

«BRASIL»

O Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil, em Lisboa, acaba de reiniciar a publicação mensal do Boletim «Brasil», no qual insere interessantes informações acerca do movimento comercial e desenvolvimento económico da nação irmã. De excelente aspecto gráfico, constitui uma útil iniciativa a que desejamos todo o êxito.

NOTAS DO JAMBORI DE 1929

PELO DR. TOVAR DE LEMOS

Em 28 de Julho de 1929, concentrámo-nos no Largo da Anunciada, os escoteiros que íamos ao Jamboree em Inglaterra. Às 11 horas, embarcámos no «Andes» da Mala Real Inglesa e ao meio dia levantámos ferro. Da Argentina vinham já 16 escoteiros do 1.º Rosário e da Brigada do General Baltrano. Connosco embarcou também o contingente do C. N. E.



Baden-Powell visita, a cavalo, o Campo de Portugal no Jamboree de Arrowe Park, no ano de 1929.

Às 6.30 da manhã seguinte, estávamos em Vigo, onde o Chefe Alfonso Garcia Ermide nos vem cumprimentar em nome dos escoteiros espanhóis.

Às 5 da tarde, passámos Finisterra e entrámos na Biscaia, que estava como um lago.

No dia 30, às 4 da tarde, passávamos pelas ilhas Ushaut e chegámos a Cherburgo no dia 31 de madrugada. O Canal da Mancha estava óptimo. Ilha de Wight à vista e Southampton às 11. Lá nos esperava o Vasco Antunes, que viera com antecedência para preparar facilidades para a nossa chegada. Ligeiras formalidades de Alfândega. Comboio para Londres. Dia em Londres. Embarque à 1.30 da noite para Barkenhead onde chegámos às 8.30. Autocarros para Arrow Park, Campo Internacional.

Eu chefiava a delegação e comigo iam Joaquim Borrego, Albano da Silva, Franklim e Vítor da Fonseca. O nosso contingente era constituído por 21 rapazes, entre os quais Henrique e Paulo de Barros, Mário Jacquet, António e Francisco Castro Caldas, Edmundo Lima Basto, Alexandre Ascensão Cardoso, Firmiano Cansado, Ruy Portela, Alfredo Mayer, Fernando Morais, Luís Grau Tovar de Lemos, Leonel Trindade, António Ferreira da Silva, Leopoldo Gualter Gomes e outros mais.

Chuva e lama por toda a parte. As barracas que levávamos não estavam preparadas para resistir a tal tempo. Fausto Leite declinou a responsabilidade da saúde dos rapazes e retirou para a casa onde Borrego estava aboletado em Hoylathe, perto do acampamento.

Ficou Henrique de Barros chefiando. Arranjámos palha, lenha e impermeáveis e lá nos aguentámos. Havia verdadeiros lameiros a atravessar. Quase todos nós comprámos botas altas de borracha. Só os tectos duplos nos salvavam. Era necessário levantar o moral da rapaziada. No campo das demonstrações, uma planície imensa, houve durante o dia um monstruoso «Rally» em honra do Príncipe de Gales, que pouco depois nos recebeu. Os Americanos e Ingleses apresentaram a vida de Joana d'Arc, e à noite houve festa no Campo dos Suecos. Eram nossos vizinhos do campo, os escoteiros dos Barbados e do Ceilão. Mantivemos relações especiais com os escoteiros brasileiros, chefiados pelo dr. Azevedo Amaral. Todos os dias recebíamos visitas de escoteiros de todo o Mundo e visitávamos os outros acampamentos. Tudo servia para troca de «souvenirs»: um distintivo, um botão, qualquer coisa. Chegou o nosso dia de recebermos em fogo de conselho os camaradas de toda a parte.

Tínhamos estado de dia na festa da tenda africana dos franceses. À noite, o nosso campo encheu-se de escoteiros e chefes. Tínhamos levado produtos regionais. Cantámos as nossas canções, e danças, após o que demos uma refeição onde não faltavam as conservas de Portimão e de Ovar, as sardinhas e o atum, os ovos moles de Aveiro, as queijadas de Sintra, as ameixas de Elvas, os celestes de Santarém, a palha de Abrantes, as cavacas das Caldas, o queijo da serra, os doces do Algarve, etc., etc.

Levámos também folhetos de propaganda de Portugal, publicações que o Secretariado de Propaganda nos cedera e de que fizemos larga distribuição.

No dia 10, último dia do Jamboree, fez-se o último desfile dos 42.000 escoteiros e a entrega a cada agremiação da bandeira inglesa da Boy Scouts Association. Lá a recebi, como os demais chefes de delegação, de joelho em terra, das mãos de Baden-Powell.

Já na véspera, na sessão da Conferência, tivera a honra de falar acerca da formação de Chefes, tendo ouvido de Wilson as melhores referências aos Portugueses. Nessa tarde, Baden-Powell recebeu os chefes das delegações na sua tenda particular onde ofereceu um lanche. Aí lhe fiz um brinde em sinais indianos (Escola de Haargrave), a que ele correspondeu. Foi um sucesso para o qual concorreu em parte umas garrafas do Porto que levámos para B. P., que as recebeu com muito gosto, já não sucedendo o mesmo a



Baden-Powell entrega ao Chefe do Contingente de Portugal, dr. Tovar de Lemos, a bandeira da associação britânica.

uma caixa que levávamos para o Príncipe de Gales e que desapareceu na Alfândega de Southampton.

Baden-Powell recordou com muita satisfação a visita que meses antes fizera a Lisboa, a boa impressão do nosso escotismo, a festa de despedida na Sociedade de Geografia e disse-me que muito o penhorara a

(Conclui na 7.ª página)



Quem tudo quer...

Mustafá, o árabe, vivia na sua tenda, naquele oásis, desgostoso com aquilo a que chamava a sua pobreza. Embora possuísse dois camelos e algumas jeiras de terra que lhe davam milho e algumas tamareiras, não vivia satisfeito com a sua sorte. Ambicionava ser poderoso e rico como um *emir* que vira em Bagdad, senhor de palácios, mesquitas e numerosos escravos.

Certo dia, o velho beduíno Ahmed, vindo de muito longe, dos sítios onde nasce o sol, e que lhe pedira hospitalidade na sua tenda, ao vê-lo pensativo, perguntou-lhe o motivo, Mustafá respondeu:

— Desejava ser poderoso e rico como um *emir* e, afinal, não passo de um insignificante árabe do deserto...

O velho retorquiu:

— Ouve, Mustafá. Conheço muito mundo. Em moço fui embarcado. Andei longe, em terras onde há pagodes, deuses estranhos, gentes das cores mais diversas e com os usos mais singulares. Por muito ver, aprendi que nos devemos conformar com a nossa sorte e, tendo saúde e liberdade, dar graças a Alá.

Mustafá ouviu, em silêncio, o velho. Depois, falou:

— Bom velho Ahmed, falaste como um doutor da lei. Mas, por que razão não hei-de eu ser rico e poderoso com Abdul, o *emir* de Bagdá? Porque não hei-de ter palácios e ser servido, de joelhos, por escravas circassianas?

O velho, afagando a barba branca como a neve, respondeu:

— Sou teu hóspede, pois comi do teu sal, e sou teu amigo há longos sóis. Quero recompensar a hospedagem, fazendo alguma coisa por ti. Se tu quiseres, podes ser infinitamente rico, tanto que ao pé de ti o *emir* não será mais do que um pobre mendigo...

O árabe arregalou os olhos:

— Quê? Que me dizes? Podes fazer-me assim tão abastado? Não estarás tu a troçar?

Novamente, o velho coçou as barbas venerandas:

— Não costumo troçar de quem tão bem me acolheu na sua tenda. Na longínqua Pérsia, aprendi com os magos os mais estranhos sortilégios. Sou feiticeiro e posso proporcionar-te a maneira de conseguires bens infinitos.

— Que terei de fazer para isso? — perguntou Mustafá, ansioso.

— É muito simples. — retorquiu Ahmed. — Conheces a fonte que sussurra debaixo das tamareiras, à entrada deste oásis?

— Se conheço! — exclamou Mustafá — Quantas vezes, ao vir de longe, sequioso, não mergulhei os meus lábios escaldantes nas suas águas cristalinas e puras...

— Pois, eu irei agora a essa fonte fazer um encantamento. Assim que o sol se esconda no horizonte, dirigir-te-ás à fonte. Durante a noite não cessarão de jorrar da sua bica pérolas, diamantes, safiras, esmeraldas, rubis, topázios e outras pedras preciosas. Levas todos os sacos que quiseres. Mas, ouve, Mustafá, se o nascer do sol te encontrar junto da fonte não só perderás os tesouros que alcançaste como também os bens que hoje possuis: a tenda, os camelos, as terras, os vestuários e as moedas que há tantos anos vens acumulando. Portanto, toma cuidado, Mustafá, olha que *quem tudo quer, tudo perde*...

Mustafá prostrou-se, com os olhos brilhantes de cobiça, diante do seu hóspede que, de uma maneira tão singular, iria satisfazer a sua insaciável ambição. Pouco depois, Ahmed retirou-se.

Escusado será dizer que foi com verdadeiro desassossego que o árabe viu aproximar-se o crepúsculo. Terminada a invocação a Alá, dirigiu-se à fonte, com os camelos, que acarretariam os sacos. Precipitou-se para a bica e nem queria acreditar. Em vez da água cristalina e pura, a fonte, devido às artes mágicas de Ahmed, jorrava pedrarias de valor incalculável.

Mustafá encheu, sôfregamente, os sacos.

A noite continuou calma. Nas ampulhetas, a areia tombava sem cessar. Um vento quente fazia ondular o airoso perfil das tamareiras. A lua escondeu-se. Uma ave nocturna piou. Mas da fonte caíam, gota a gota, as preciosas gemas.

O árabe já estava fabulosamente rico, mas a sua ambição não se encontrava ainda satisfeita. De olhos arregalados para a bica, nem se apercebeu de que, fresca e profunda, se aproximava a aurora...

Quando Mustafá viu que da fonte já não jorravam pedrarias mas apenas água, era manhã e só então se lembrou das palavras do feiticeiro. Os sacos com as gemas tinham desaparecido. Dos camelos não havia vestígios. Restavam apenas míseros andrajos do seu vestuário. E quando, triste como uma noite escura, regressou ao lugar onde estivera erguida a sua tenda, encontrou o velho mágico que lhe disse:

— Perdeu-te a tua insaciável ambição, Mustafá. Nada posso fazer agora... Eu não te disse que *quem tudo quer, tudo perde?*

MANUEL FERREIRA

NOTAS DO JAMBORI DE 1929

(Conclusão da 6.ª página)

ideia da oferta que lhe fizéramos então da nossa bandeira de Portugal, simbolizando o nosso coração, dentro de um cofre de filigrana.

Baden-Powell era de um trato familiar, muito simples, de uma memória fabulosa, recordou palavras que o nosso Presidente Carmona lhe dissera em Cascais, quando em Abril o fomos cumprimentar.

No dia 13, partida de regresso. Um comboio especial trouxe-nos a Londres. Já em Liverpool, dois dias antes, as autoridades nos obsequiaram com um banquete e um baile.

No dia 15, Baden-Powell e Mrs. Olave deram recepção no sumptuoso Carlton Hotel. Chá, bolos e conversa. Tanto B.-P. como sua Esposa foram encantadores para todos os convidados, não deixando de dirigir palavras a todos individualmente.

Foi este um dos melhores períodos do Escotismo entre nós, e para mim as horas mais gloriosas da melhor época da minha vida. Que orgulho se sente ao levarmos a responsabilidade de Portugal! Com que aprumo e garbo desfilámos perante o público que enchia o campo de demonstração. E a nossa bandeira à frente!

A delegação do C. N. E. era chefiada por D. José de Lencastre e dela faziam parte, como dirigentes, o Dr. Weiss de Oliveira e Avelino Gonçalves. Recordamos as excelentes relações da mais franca e leal camaradagem, muito em especial a convivência com Avelino Gonçalves, esse grande dirigente da Acção Católica, espírito vivo, inteligente, diplomata e escoteiro. Estou a vê-lo dirigindo o embarque dos rapazes, chapéu enfeitado com flores e cantando com eles as nossas canções. Boas horas que já temos por vezes recordado juntos. Em Outubro, recebi de Baden-Powell uma carta autógrafa, que conservo com orgulho, acompanhando a insígnia de «Goodwill» (Dedicação), como testemunho da maior gratidão dos Boy Scouts.

DR. ALFREDO TOVAR DE LEMOS, E. C.
Antigo Escoteiro-Chefe Geral e Comissário Nacional da A. E. P.



BADEN-POWELL ADMIRAVA PORTUGAL

O Fundador tinha por Portugal particular admiração. Conhecia a nossa história e testemunhava o seu apreço pelo valor dos nossos heróis e navegadores. Conhecia também os nossos Escoteiros e elogiava o seu aprumo e apresentação.

(Do livro «Aventuras Africanas», de B.-P.)

Exploradores Portugueses

Há algum tempo, na presença de um grande número de Escoteiros, recebi a Ordem de Cristo (1) das mãos do Embaixador de Portugal, em recompensa daquilo que fazem os Escoteiros neste país.

Agradecendo ao Embaixador, disse que me era feita uma honra particularmente grande, porque era uma ordem conferida, em Portugal, aos antigos Escoteiros marítimos.

O infante D. Henrique, denominado o Navegador pelas suas viagens aventurosas e pelas suas engenhosas invenções para ajudar os marinheiros a encontrar a sua rota, era ele próprio Grão-Mestre da Ordem de Cristo e foi graças a ele que Portugal produziu uma série tão maravilhosa de aventureiros e de colonizadores.

Provàvelmente, uma ou duas pessoas acharam que eu fazia demasiado caso de Portugal e disseram-me:

«E os nossos lobos de mar britânicos, os Hawkins, os Drake, os Raleigh, os Gilbert?»

Tive de responder em minha defesa:

«Lede a história e vereis que o Cabo da Boa Esperança foi descoberto por Dias em 1487; a Índia por Vasco da Gama em 1498, o Brasil por Cabral em 1500 e a América do Sul no ano seguinte por Américo Vespúcio; enquanto Magalhães descobria, ao sul da América, o estreito deste nome, tão terrìvelmente perigoso, em 1519. Todos Portugueses ou Espanhóis.

É verdade que Hawkins esteve à vista do Brasil, Martin Frobisher explorou a Passagem do Nordoeste em três viagens diferentes; Sir Walter Raleigh explorou as Índias Ocidentais e o Orenoco no norte do Brasil; William Adams alcançou em primeiro lugar o Japão e ligou-se de amizade com os Japoneses em 1600; Sir Humphrey Gilbert fundou a colónia da Terra Nova e John Hawkins abriu a África Ocidental ao comércio, enquanto Sir Francis Drake fez a volta do mundo seguindo Magalhães através os estreitos que ele tinha descoberto.

Mas há uma diferença nas datas.

As descobertas dos Portugueses foram feitas no tempo dos avós e dos pais dos nossos marinheiros.

Se os nossos compatriotas fizeram face às dificuldades e aos perigos com pequenos barcos insuficientes, maus instrumentos e pobres provisões de boca, isto dá uma fiel ideia da coragem dos outros homens que estavam ainda mais mal colocados no que diz res-

(Conclui na 24.ª página)

(1) B.-P. foi agraciado com a Comenda da Ordem Militar de Cristo, por decreto de 17 de Abril de 1919.

ESCOTEIROS PORTUGUESES

Eis-me em Lourenço Marques, chamado também Baía de Delagoa. É o porto principal da África Oriental Portuguesa. Tinha já vindo aqui há trinta e nove anos. Nessa ocasião, após o desembarque, estive de cama com um acesso de febre. Agora, na véspera da minha chegada, caí à cama com a febre!

Diz-se que a história se repete. Isto parece ser verdade no meu caso.

O pior é que na ocasião da minha chegada os escoteiros e as escoteiras se tinham reunido no cais para me apresentarem as boas-vindas, mas, no momento do barco acostar, Lady Baden-Powell e eu estávamos na cama com a febre, e incapazes de desembarcar. Entretanto, durante a noite lancei mão de todos os remédios, drogas e pílulas que o médico de bordo con-

(Conclui na 21.ª página)

A ILHA DA ASCENSÃO

Os antigos aventureiros portugueses que, há quatrocentos anos, navegavam nos vastos mares desconhecidos em busca de novas terras, deviam ser famosos bons homens, fortes e corajosos: não será preciso verdadeira coragem, com efeito, para ir assim, como eles faziam, a bordo dos seus pequenos veleiros, à mercê do vento e do tempo, e sem conservas alimentares?

A 1.500 quilómetros da terra mais próxima e 6.000 quilómetros de Portugal, encontraram a pequena ilha solitária da Ascensão do ano 1501. Os navegadores portugueses consideraram-na de pouca utilidade, porque além dos pássaros do mar, nada de vivo aí podia subsistir, não se encontrando mesmo água doce.

Tendo metade do tamanho da ilha de Wight, a Ascensão tem um relevo muito acidentado, colinas rochosas e picos nus, dispondo-se em camadas sucessivas até ao ponto máximo a 700 metros de altitude.

Alguns séculos depois dos Portugueses a terem descoberto, os Ingleses tomaram posse dela, ninguém tinha reinvindicado a sua propriedade, e estabeleceram aí um depósito de carvão para a sua frota de guerra. Navios carvoeiros descarregaram aí o seu carregamento, trazido do País de Gales, e os cruzadores da frota inglesa, em serviço nas costas de África, vinham aqui abastecer-se de combustível, evitando assim ter de fazer de cada vez o trajecto África-Inglaterra e volta, A ilha tornou-se portanto um depósito regular para a marinha. Depois, como

(Conclui na 14.ª página)

Foi assim que Baden-Powell

chegou a Lisboa em Março de 1929

Eram 6 horas da tarde do dia 4 de Março de 1929. O cais do Posto Marítimo da Desinfecção, na Rocha de Conde de Óbidos regurgitava de gente. Viam-se também numerosas representações de escoteiros. Uma guarda de honra dos Escoteiros de Portugal e os seus convidados Corpo Nacional de Scouts e Adueiros de Portugal. O formoso paquete «Duchess of Richmond» regressava do seu cruzeiro pelo Mediterrâneo e ilhas do Atlântico e estava atracando ao cais. Nisto, sobe no mastro real o distintivo-flâmula do Escoteiro-Chefe Mundial. A multidão agita-se e ovaciona o Fundador, que assomou à ponte de comando e recebeu a saudação dos escoteiros portugueses.

Logo que foi estabelecido contacto com terra, subiram a bordo os representantes do Governo Português, o sr. coronel Pope, sobrinho de Baden-Powell e grande amigo dos Escoteiros de Portugal, dirigentes das três associações escoteiras, que apresentaram cumprimentos ao Chefe Mundial.

Baden-Powell passou revista à guarda de honra e os escoteiros dispersaram.

No dia seguinte, Baden-Powell visitou o Presidente da República, general Carmona, na cidadela de Cascais, acompanhado do Embaixador da Grã-Bretanha, do dr. Tovar de Lemos, Comissário Nacional dos Escoteiros de Portugal; Albano da Silva, Secretário-Geral; Vasco da Silva Antunes, Secretário Adjunto, e Sigvald Wiborg, Comissário das Relações Internacionais, tendo sido recebido no salão nobre.

O Chefe de Estado manifestou o seu interesse pelo Escotismo e Baden-Powell afirmou que a sua resistência física, a despeito dos seus 72 anos de idade, se devia à prática do sistema. B.-P. pediu ainda ao Chefe de Estado o seu interesse para que os escoteiros portugueses se fizessem representar no Jambori de Birkenhead, tendo o Presidente Carmona prometido interessar-se junto do Governo.

Às 6 da tarde organizou-se um desfile no Terreiro do Paço. Apresentaram-se 700 rapazes em representação dos Escoteiros de Portugal, do Corpo Nacional de Scouts e da União dos Adueiros de Portugal.

O jornal «O Escoteiro» comentava assim este desfile: «O público abre alas, impressionado. É o número, é o garbo, é a ordem, é a apresentação alegre e simples dos rapazes que o tornam atónito. É uma revelação. Há quem se descubra à passagem dos estandartes, e, como manifestação sintomática, os populares querem eles mesmos, fazer a polícia das ruas, recomendando aos precipitados e aos distraídos que não estorvem a marcha do cortejo; que deixem passar os escoteiros.



Baden-Powell, no momento da sua chegada a Lisboa a bordo do «Duchess of Richmond», tendo à sua esquerda o Comissário Nacional Dr. Tovar de Lemos e o Dr. Weiss de Oliveira, do C. N. E.. Á sua direita o Secretário Geral sr. Albano da Silva e o Sr. Roberto Moreton, Presidente do Grupo n.º 1. Por detrás e à esquerda de B. P. vê-se o sr. Sigvald Wiborg, Comissário Internacional. Ao lado e um pouco atrás do sr. Moreton, o sr. Godfrey Pope.

«E o cortejo segue pela rua Augusta, pelo Rossio, pela Avenida, pela rua Eugénio dos Santos. (...) Ao passar pelo edifício da Escola Nacional, toda a falange faz a saudação escoteira ao Comissário Nacional Honorário da A. E. P., o grande General Baden-Powell, que numa varanda se encontra ao lado do Comissário Nacional, sr. dr. Tovar de Lemos.

«O cortejo prossegue. Entra-se na Sociedade de Geografia, onde já se encontram as escoteiras e os lobitos de Carcavelos. A vasta sala Portugal, cujas galerias estavam, a essa hora, repletas de uma assistência escolhida, fica literalmente cheia. Pouco depois de organizada a formatura, chega Sir Baden-Powell que é recebido e ovacionado pelos escoteiros e pela assistência. É organizada a mesa, presidida pelo sr. Conde de Penha Garcia e onde ficou também o ilustre visitante, o sr. dr. Tovar de Lemos, o Almirante Ernesto de Vasconcelos e o Comandante Álvaro de Melo Machado.

«O sr. Conde de Penha Garcia, depois de ter dirigido uma saudação em inglês, profere um belo discurso em português enaltecendo a obra educativa de Baden-Powell e entregando-lhe o diploma de sócio honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa. Falaram, então, os srs drs. Weiss d'Oliveira, em nome do Corpo Nacional de Scouts, e Alexandrino dos Santos, dos Adueiros de Portugal».

O lobito de Coimbra, Carlos Santos entregou a Baden-Powell um cofre, seu trabalho manual. Depois disto o Comissário Nacional dos Escoteiros de Portugal leu uma mensagem de saudação ao Fundador, terminando por lhe entregar uma artística arca antiga, em filigrana de ouro e esmalte, ornada de arcadas manuelinas e encimada pela cruz de Cristo, dentro da qual estava uma minúscula bandeira portuguesa de seda.

Baden-Powell agradeceu visivelmente sensibilizado e deixou três conselhos aos escoteiros portugueses, os mesmos que repetiu na carta dirigida aos escoteiros de Coimbra, que noutro local publicamos, apresentando as saudações dos escoteiros da Inglaterra.

Baden-Powell retirou-se em seguida, dirigindo-se à Rocha do Conde de Óbidos, onde embarcou apenas 5 minutos antes do paquete largar.

Às 7 horas da tarde, o «Duchess of Richmond» partia para Inglaterra.



Baden-Powell visitou o Presidente da República General Carmona, na Cidadela de Cascais, acompanhado do Embaixador da Grã-Bretanha e dos Dirigentes Escoteiros Portugueses.

As fotografias que ilustram este artigo e as duas referentes ao Jambori de 1929 foram-nos amàvelmente cedidas pelo E. C. Albano da Silva.

IMPRENSA

ECOS DE BELÉM

Este simpático semanário, nosso vizinho, e simpático defensor dos interesses não só da sua freguesia, mas também daquelas que circundam Belém, entrou no princípio de Janeiro no XXVI ano de publicação e em 16 do mesmo mês publicou o número 1.100. É, portanto, um jornal já com larga vida e sinceramente desejamos que se acentuem os seus progressos por muitos anos mais. Na pessoa do seu Director interino, sr. Custódio Baptista Vieira, saudamos todo o seu corpo redactorial.

* * *

Aproveitamos este ensejo para agradecer a «Ecos de Belém» as amáveis palavras de saudação com que assinalou o nosso XII aniversário.

ROMA
VIA
BARCELONA
E
NICE

Na sua próxima viagem a ROMA aproveite a oportunidade de visitar Barcelona e Nice sem aumento de preço

Voos todos os
DOMINGOS E QUARTAS

Dirija-se ao seu
AGENTE DE VIAGENS
ou à Pan American World Airways, Inc.
Praça dos Restauradores, 46 — Lisboa
Telef. P. P. C. A. 32181 (8 linhas)

PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA
— SERVE PORTUGAL HÁ 18 ANOS



WAGONS - LITS // COOK
Mais de 380 Agências no mundo
Viagens em Grupo e individuais "à Forfait" (tudo incluído)
Organização de excursões e congressos
Serviço de BaNco e de Câmbios
GuiaS e intérpretes

BiLhetes de comboio, W. Restaurante, W. Lits, Pullman
Av I ão, Barco e Cruzeiros
Transporte de bagagens e mercadorias — Seguros
ViStos e Passaportes

Wagons-Lits // Cook
Oferece-vos os serviços
duma Organização Mundial
CooK // Wagons-Lits

AGÊNCIAS EM PORTUGAL CONTINENTAL E ULTRAMARINO:

LISBOA — Av. da Liberdade, 103 — Telefs. 3 15 37/8/9 — 3 17 91/2/3
PORTO — Palácio da Nacional—Praça da Liberdade, 12—Telef. 2 50 40
COIMBRA — Largo da Portagem (Edifício do Turismo)—Telefs. 5322-5333
ESTORIL — Arcadas do Parque—Telef. 060285
L. MARQUES—Av. da República, 49—Edifício Santos Gil—Caixa Postal 1106 —Telefs. 3666-6888 e 6756.
LUANDA — Avenida Marginal Paulo Dias de Novais—Caixa Postal 3500— Telefs. 4068 e 4069.

MAIS DE CEM ANOS DE EXPERIÊNCIA !

SERVIÇO DE DEFESA ANTI-AÉREA

Durante a Grande Guerra, a polícia de Londres recrutou um grande número de escoteiros para ajudá-la durante os ataques aéreos. Aceitaram-se sòmente os que possuíam a insígnia de corneteiros porque se queria que eles percorressem as ruas logo que o ataque tivesse terminado, tocando o final de alerta para que todos soubessem que podiam sair das casas e dos abrigos.

Logo que um ataque era assinalado, os rapazes deviam envergar o uniforme e dirigir-se ao posto a que pertenciam a fim de desempenhar a sua missão, na altura em que as outras pessoas procuravam os abrigos.

Quando fiz o apelo de voluntários para este serviço, pensava que poucos de entre eles conseguiriam a permissão dos seus pais para se alistarem e que, mesmo assim, bem poucos deles quereriam fazê-lo por causa do perigo. Mas longe disso! Eles apareceram às centenas, ávidos de desempenharem a sua parte no trabalho e de mostrarem a sua valentia, e eram os próprios pais que os encorajavam.

Dizia-me a mãe de um deles: «Se Jimmy tiver de morrer, ao menos que seja prestando serviço aos outros».

Suponho que ao aprender a tocar clarim, bem poucos escoteiros pensam que isso lhes oferecerá um meio de desempenhar tarefas em prol da pátria e de ganharem a insígnia de guerra por serviço activo contra o inimigo.

BADEN-POWELL

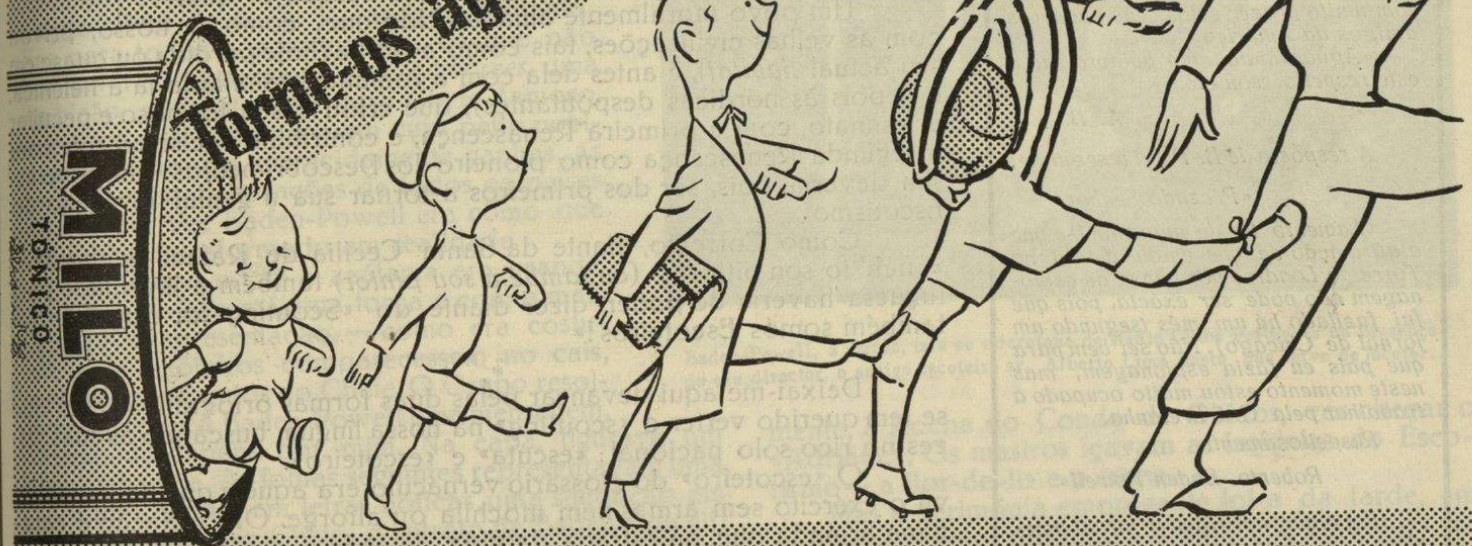
Irmão Escoteiro:

Não esqueças a nossa Campanha de Assinaturas, angariando um novo assinante, para que o «Sempre Pronto» possa atingir o brilho deste número.

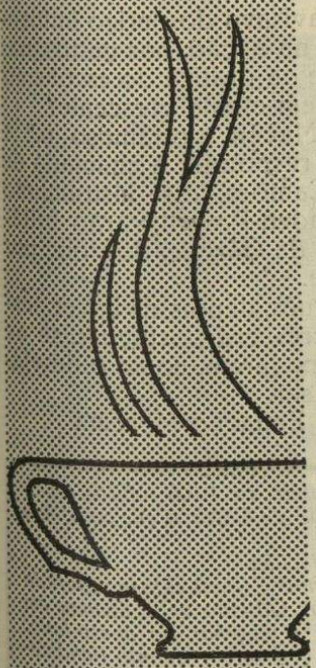


O leite NESTLÉ
tornou bonitos
os seus bebés . . .

Torne-os agora crianças fortes e saudáveis...



dando-lhes **MILO TÓNICO NESTLÉ**



MILO ajuda a crescer. É um alimento fortificante, que contém sob uma forma concentrada os elementos essenciais de que o organismo necessita para o seu robustecimento.

MILO é agradável de tomar: ao pequeno almoço, à merenda ou ao deitar.

Os seus filhos sentir-se-ão bem dispostos para os jogos e os estudos tomando MILO.

MILO
Fornece energia para todo o dia



Quando Baden-Powell foi «fuzilado»

Durante a guerra de 1914-1918, B.-P., nessa altura já afastado do Exército, não tomou parte activa nas operações, apesar de se ter posto à disposição do Ministério da Guerra. Sobre a sua figura correram, então, os mais diversos boatos. Em 1916, recebeu uma carta de uma agência noticiosa, concebida nos seguintes termos:

«Ex.mo Senhor:

«Uma carta dos nossos escritórios de Nova Iorque, comunica-nos que circulam nos Estados Unidos certos rumores de que V. Ex.a se encontra actualmente detido na Torre de Londres por causa da espionagem. Recordando-me do episódio histórico de Mark Twain que classificava a notícia da sua morte como «um pouco exagerada», estou convencido de que uma declaração semelhante da sua parte a respeito deste boato seria recebida com muito prazer pelos seus inúmeros amigos da América.

«Aguardando uma palavra sua a este respeito, sou etc.

A. B.»

A resposta de B.-P. foi a seguinte:

«Prezado Senhor:

«Lamento ter de anunciar-lhe que a afirmação de que estou detido na Torre de Londres por causa de espionagem não pode ser exacta, pois que fui fuzilado há um mês (segundo um jornal de Chicago). Não sei bem para que país eu fazia espionagem, mas neste momento estou muito ocupado a trabalhar pela Grã-Bretanha.

Respeitosamente

Roberto Baden-Powell»

Eis o que noticiava o jornal americano em 15 de Janeiro de 1916:

«Pittsburg — Fuzilado pelos soldados ingleses, na sua volta à Inglaterra, por ser espião alemão, eis o que sucedeu ao major-general Robertson *Stephenson Smith Baden-Powell, herói da defesa Mafeking durante a guerra contra os Boeres e organizador do movimento escotista. Quando chegou a Londres encontraram em seu poder cartas das fortificações da Grã-Bretanha que ele tinha vendido, diz-se, aos inimigos da Inglaterra. Esta notícia foi-nos comunicada por um homem que se diz inglês, cujo irmão foi testemunha da execução. A minha história é verdadeira, afirmou ele esta tarde. Não posso dizer contudo mais nada além disto. O meu irmão viu a execução com os seus próprios olhos. Contou-me que Baden-Powell subiu sem vacilar ao lugar do suplício e quando lhe vendaram os olhos, disse simplesmente: «Que Deus tenha piedade de mim». Se isto é verdade, e estou certo de que o meu irmão é uma pessoa digna de crédito, a Inglaterra deu a morte a um dos mais bravos soldados que comandaram os seus exércitos no estrangeiro».*

O comentário de B.-P. a esta notícia foi o seguinte:

«— Valia realmente a pena ter sido fuzilado como espião para merecer um epitáfio tão amável como este».

ESCOTISMO

INSTITUIÇÃO NACIONAL

PELO REV. EDUARDO MOREIRA

O Escotismo é português. Não o neguemos. Não duvidemos. É português nos seus elementos originais e na sua adaptação ao «ethos» de Portugal.

Há realmente instituições que, vivendo séculos até, na nossa terra, se mantiveram sempre exóticas. Talvez o parlamentarismo francês seja uma delas. O feudalismo da Europa Central, Herculano o afirmou inexistente entre nós, nas suas características integrais. A Inquisição, estou pronto a provar que foi sempre uma instituição, latina, é certo, mas anti-portuguesa. O seu exotismo arrastou-se por duzentos e oitenta e seis tristes anos, sempre estranha; sempre um «papão» da eterna criança popular; sempre uma «fífia» na orquestra das nossas almas; sempre uma nódoa na cândida envergada pela varonilidade lusitana.

Agora o Escotismo! Esse é tão profundamente humano que responde por completo ao questionário formulado pela mentalidade de cada povo e aos anseios de cada alma que acorda e «quer».

Um povo moralmente amadurecido que, como o nosso, privou com as velhas civilizações, tais como a árabe (hoje perdida ou quase em seu actual *habitat*), e antes dela com a romana (assimilada já à helénica, e depois às nórdicas despontantes); que criou o seu formoso e peculiar artesanato, com a primeira Renascença, e contribuiu decisivamente para a segunda Renascença como pioneiro dos Descobrimentos — um povo assim deveria, pois, ser dos primeiros a tornar sua a genial invenção do Escotismo.

Como Corregio, diante da Santa Cecília de Rafael, exclamava: «anch' io son pittore!» (*eu também sou pintor*) também a juventude portuguesa haveria de poder dizer diante do «Scouting for Boys»: «Nós também somos Escoteiros!»

* * *

Deixai-me aqui devanear pelas duas formas ortográficas com que se tem querido verter o «scouting» na nossa língua, buscando as suas raízes no rico solo nacional: «escuta» e «escoteiro».

O «escoteiro» do glossário vernáculo era aquele que acompanhava o exército sem armas nem mochila ou alforge. Ora a Nação é caravana armada que, na estrada da vida, defende o direito de viver. É o exército no conceito hebraico, quando chamava a Adonai «Deus dos Exércitos». E ao lado das armas, em quantidade, vai o escoteiro que se arma só das virtudes — em qualidade. Ama a natureza, desenvolve a destreza e a habilidade, cultiva a verdade e a amizade, honra a Deus e aos nobres ideais; e assim preparado — *auxilia, serve.*

O «escuta» era a sentinela nocturna que avisava do perigo iminente: «mouro na costa», espião na deveza, risco na acção, nos gestos, nas falas. Quem, um tanto conhecedor da história e da prática do escotismo no mundo, duvidará de que ele seja isso tudo, em escala crescente?

O já lendário grupo «ante-primeiro», de Macau, e o famoso n.º 1 de Lisboa, tiveram para nós a insigne honra de responder à chamada de Baden-Powell na língua de Gil Vicente e de Camões, esse instrumento admirável dos «Autos» e dos «Lusíadas». E Baden-Powell, varão britânico de nascimento, tornou-se um dos «Heróis» de Carlyle, dos que por seu génio universal pertencem já à Humanidade.

Foi assim que o Escotismo nasceu português, depois de haver nascido britânico e universal. É assim que ele crescerá português, se as virtudes do velho e genuíno Portugal se não apagarem, como o desejamos e esperamos de todas as veras do nosso ser.

EDUARDO MOREIRA

Em 7 de Outubro de 1922, cerca de 60.000 escoteiros e 1.900 lobitos reuniram-se no palácio de Alexandra para receber o Príncipe de Gales, o que constituiu uma cerimónia grandiosa.

Um dos escoteiros presentes narra o seguinte incidente:

«Nesse tempo, eu era ainda um escoteiro muito novo. Como estava separado dos meus amigos, tinha provàvelmente um ar inquieto. Quando avançávamos em massa, alguém, que nós tomámos por um chefe, pôs-se a marchar ao nosso lado. Metendo conversa connosco, perguntou-nos donde nós vínhamos, quanto tinha demorado a viagem, se era a primeira vez que vínhamos a Londres e outras coisas ainda, até que entrámos na sala. Então, ele deixou-nos com um ar muito alegre e, perante a nossa estupefacção, subiu para a tribuna de honra. Era o nosso Chefe!»

A visita de Baden-Powell em Abril de 1934

Recordar é Viver...

POR MANUEL FERREIRA

Já conta vinte e dois anos a efeméride, mas ainda a recordo com muitos pormenores.

Foi em 12 de Abril de 1934.

O dia estava verdadeiramente de Primavera. O sol, aquele claro e tépido sol de Portugal, banhava de oiro a cidade famosa das sete colinas.

Ainda muito cedo, reinava nos Grupos animação desusada. É que, a bordo do «Adriatic», de passagem para a Grã-Bretanha, chegariam a Lisboa, Lord Roberto Baden-Powell, sua esposa, Miss Olave, e setecentos dirigentes escotistas ingleses.

A rapaziada, entre a qual se incluía o autor destas linhas, então escoteiro *senior* do Grupo n.º 13 da A. E. P., andava radiante. Era para todos nós, os pobres, os que não podiam ir a Inglaterra ou aos *jamborees*, uma ambição satisfeita ver esse Chefe famoso, que criou o Escotismo e em cujo peito nobilíssimo brilhavam, merecidamente ganhas, as mais altas condecorações de todos os países do Mundo. Ver Baden-Powell era como que um sonho transformado em realidade.

No Grupo n.º 13 a azáfama era grande, para que, na sua máxima força e com a mais impecável apresentação, — como era costume — os escoteiros comparecessem no cais, para cumprimentos ao Chefe. O Grupo resolvera oferecer a Baden-Powell uma mensagem, desenhada à pena por mim. Na capa, figurava um pele-vermelha. As folhas seguintes representavam uma iluminura, tendo, em letras góticas, uma saudação, em inglês, ao glorioso Chefe; o retrato de Baden-Powell; os desenhos de uma águia e de um leão, símbolos das patrulhas *juniores*; e o retrato do Doutor Câmara Pestana, o sábio abnegado, patrono dos *seniores*. Da mensagem pendiam fitas com as cores nacionais.

De manhã, alguns colegas e eu fomos, particularmente, à Rocha do Conde de Óbidos, ver chegar o «Adriatic». Os mastros içavam as insígnias do Escotismo — a flor-de-lis e o trevo.



Baden-Powell, a bordo, fala ao microfone de Rádio Clube Português na presença do seu director, o antigo escoteiro sr. Alberto Lima Basto, que serve de locutor.

Mas a cerimónia empolgante foi a da tarde, em que os setecentos dirigentes ingleses, de ambos os sexos, seguidos pelos escoteiros da A. E. P. e do C. N. E., as Guias e os Adueiros de Portugal, desfilaram até à Rocha, a fim de prestarem homenagem a Lord Baden-Powell, que não podia desembarcar, devido ao seu estado de saúde.

Já então havíamos confraternizado com os visitantes. Recordo-me até de que alguns chefes, escoceses, usavam o tradicional saiote, que muita admiração nos causou.

Foi — com que comoção o recordo ainda hoje — um dos momentos mais impressionantes da minha vida aquele em que, ao chegar ao cais, sobraçando a mensagem, vi, sentado no portaló, entre importantes dirigentes, esse velho glorioso, esse Chefe amado, cuja vida era para nós um maravilhoso romance. Já lá vão vinte e dois anos e parece-me ainda vê-lo e ouvi-lo a falar aos escoteiros.

Quase podia reproduzir a sua pequena alocução, pois não me escapou a mais pequena palavra.

(Conclui na 14.ª página)



Lady Baden-Powell, Dirigentes Escoteiros Ingleses e Portugueses, que foram recebidos pelo Ministro da Instrução Pública, sr. dr. Augusto de Sousa Pinto, no jardim do ministério.

As gravuras que ilustram este artigo e a gravura de B.-P. acompanhado de sua Esposa, publicada noutra página, foram-nos gentilmente cedidas pela Direcção da A. E. P.

Uma oração de Baden-Powell

PAI *de todos nós:*

Reunimo-nos hoje ante Ti, muitos em relação às terras de onde vimos e às raças que representamos, mas um só na nossa Fraternidade, sob a Tua Divina Paternidade.

Estamos ante Ti, Senhor, com os corações gozosos pelas muitas bênçãos que nos tens concedido e agradecidos de que o nosso Movimento tenha prosperado e seja aceitável a Teus olhos. Como retribuição, depositamos ante o Teu altar a nossa oferenda de gratidão: o sacrifício que podemos fazer em benefício dos demais.

Pedimos, na comunhão de todos os que aqui estamos reunidos, que possamos, sob Tua Divina inspiração, lograr um horizonte mais amplo e uma visão mais clara de tudo o que devemos realizar, que possamos assim caminhar para diante, fortificada a fé na realização do nosso intento de enaltecer os ideais e as forças viris e ajudar, mediante um entendimento mais estreito, a fundar a Tua mais feliz norma de Paz e Boa Vontade sobre a Terra.

Ouve-nos, Senhor Nosso. — Amen.

A oração que publicamos foi escrita por B.-P. em 1930 e foi lida em Moisson França, por ocasião do Jamboree da Paz, em 1947. Ela é uma síntese das mais profundas aspirações dos Escoteiros e deverá ser repetida por todos nós, senão na letra, no espírito que animou o Fundador.

A ILHA DA ASCENSÃO

(Conclusão da 8.ª página)

se tinha verificado que o cume dominante da ilha estava sempre coberto de nuvens, foi construída uma barragem para recolher água da chuva e constituir assim uma reserva de água doce.

Quando eu visitei a ilha pela primeira vez, há muito tempo, o Almirantado tratava-a sobre todos os pontos de vista como a um navio! Ela tinha o seu capitão, a sua equipagem, e até o seu nome que, como o de um navio de guerra, era precedido das letras *H. M. S.* (1) Era, portanto, «H. M. S. Ascensão»! Como um navio, ainda ela recebia do governo, fornecimentos e aprovisionamentos, entre outros uma quantidade de... tinta, mas não importa qual: de tinta *verde*. Sabeis o que fazia com ela a «equipagem» de H. M. S. Ascensão? Muito bem, empregava-a a pintar certos pontos rochosos da ilha que, de longe, tomavam então o aspecto de tabuleiros de relva verdejantes...

Disse-vos que havia na ilha alguns pássaros do mar. Teria dito bem *alguns*? Porque, com efeito, contam-se por milhares as andorinhas do mar, sobretudo em certa parte da ilha onde elas vêm fazer os seus ninhos. Não ficam aí senão três vezes no ano para pôr os seus ovos. Chamam-se-lhes ali «Wideawake» (2) porque não deixam de fazer barulho. Por isso o seu lugar favorito é chamado «Wideawake Fair» (3).

Um habitante da ilha disse-me que estes ovos são comestíveis. Uma pergunta me surgiu naturalmente ao espírito: «Mas como sabeis que os ovos são frescos?» — «Oh! é muito simples, desembaraça-se um espaço livre sobre um rochedo plano, e os pássaros vêm depressa pôr aí os seus ovos. Então os nossos rapazes partem com canjirões e vão juntar os ovos ainda quentes».

(...) A ilha de Ascensão já não é o «navio de guerra» que era então. Serve agora de posto de retransmissão à «Eastern Telegraph Company» para a exploração e conservação dos seus cabos submarinos. A companhia ocupa na ilha aproximadamente cento e quarenta pessoas, que constituem toda a população.

BADEN-POWELL

(1) Navio de Sua Majestade. (2) Bem despertado. (3) Feira.

Recordar é Viver...

(Conclusão da 13.ª página)

Baden-Powell expressava-se em inglês, que era traduzido. Agradeceu a atenção da nossa comparência. Declarou-se sincero amigo de Portugal e dos portugueses, afirmando, com orgulho, ser sócio honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa e condecorado pelo Governo com a Cruz de Cristo. Que por sua vontade teria desembarcado, mas tinha de obedecer a um médico ríspido e a uma enfermeira ainda mais ríspida. Pedia muita desculpa de falar inglês, mas iria aprender português e, quando voltasse a este país tão seu amigo, seria na nossa língua que falaria aos escoteiros.

Quando Baden-Powell acabou as suas breves palavras, uma espontânea tempestade de aplausos reboou no cais. O entusiasmo apoderou-se de todos nós. Tínhamos, finalmente, visto o Chefe! Baden-Powell havia-nos falado!

Não há termos que possam descrever o delírio dessa manifestação. Escoteiros e Guias, ingleses e portugueses, desses dois países secularmente aliados, nessa hora alta de entusiasmo, irmanavam-se em aclamações ao Homem genial que criara o Escotismo. Os vivas, os gritos das patrulhas e dos grupos, constituíram para Baden-Powell uma agradável surpresa. Vivamente emocionado, o Chefe agradecia os aplausos.

Seguiu-se entrega da mensagem. Pouco depois, o Chefe retirava-se para o seu camarote. Os dirigentes ingleses regressaram a bordo. Alguns escoteiros portugueses foram, então, visitar o «Adriatic». Fui um deles. Tive a honra de trocar impressões, em francês, com Miss Olave Baden-Powell, que me ofereceu uma minúscula bandeirinha de seda com a flor-de-lis e o trevo.

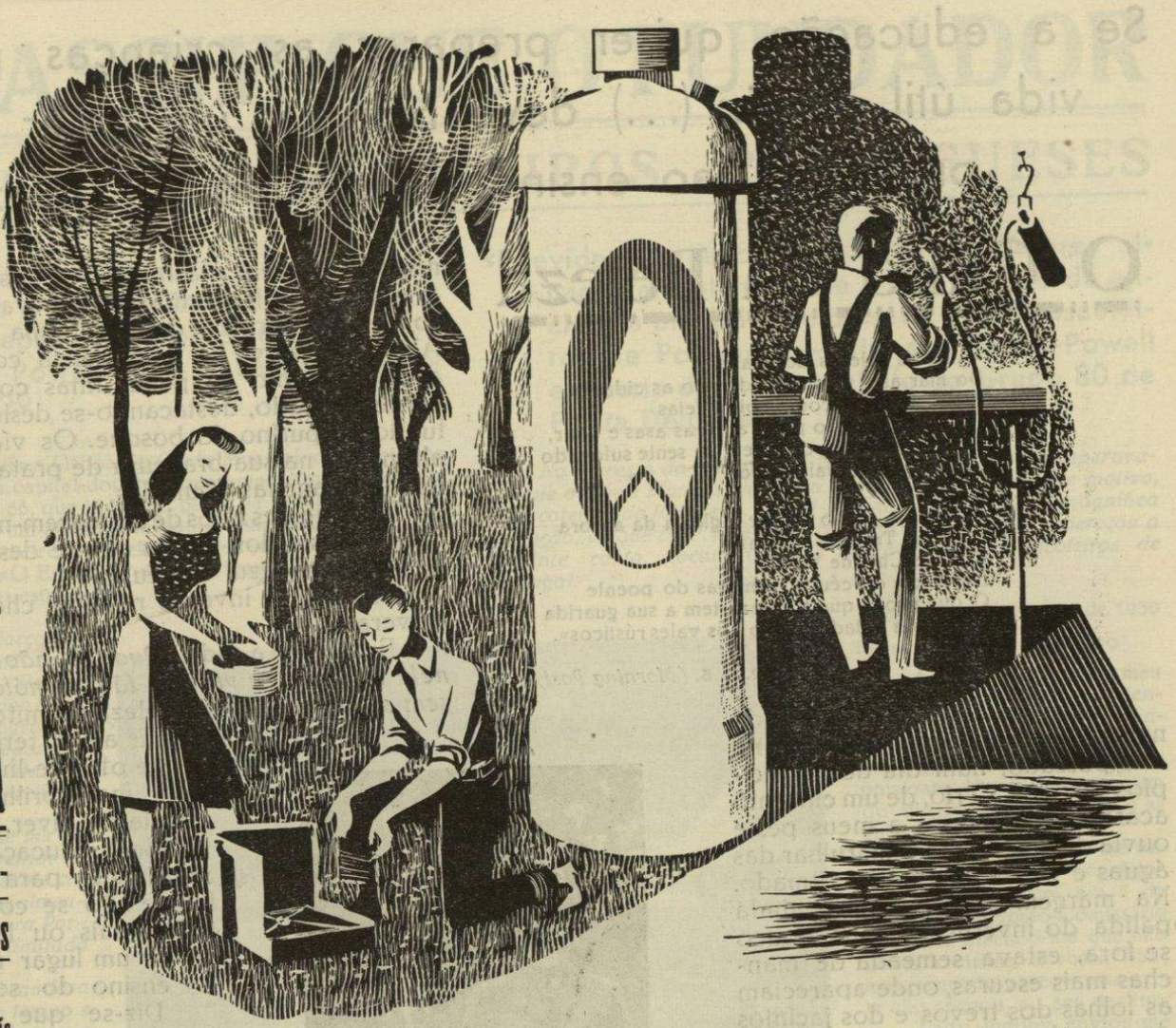
Mas o tempo não parava, indiferente a esta tão enternecedora festa de juventude. As sombras começaram a descer sobre o cais. As luzes salpicavam já a cidade. O «Adriatic» fez-se ao largo. Uma saudade imensa, indefinível, apoderou-se de nós. Havia terminado o sonho...

Jamais tornei a ver Baden-Powell. Soube que o Chefe descansa para sempre no Quénia, sob o céu recamado de estrelas do continente negro. Mas, para mim, ele está sempre vivo.

Quando me recordo de Baden-Powell, parece-me ver um homem magro, idoso, fardado de Chefe Escoteiro, tendo ao peito a cruz de Cristo, a desejar-nos, com voz firme, felicidades e bons acampamentos ...

MANUEL FERREIRA

Os novos estojos de Propacidla, tão portáteis como uma pasta vulgar, fornecem uma fonte de calor onde quer que se encontre e proporcionam na indústria uma chama sempre pronta para qualquer trabalho.



CIDLA

Combustiveis Industriais e Domésticos

S. A. R. L.

Agentes em todo o País

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR

NOVAS E USADAS

VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER

OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO

ORÇAMENTOS GRÁTIS

QUINTINO, L.DA



RUA DA PRATA, 141, 2.º

TELEF. 36 73 73

LISBOA

Eis um pensamento que eu queria gravar nos vossos corações: Uma vez escoteiro, sempre escoteiro. Reconhecereis no decorrer de toda a vossa vida a utilidade da Lei do Escoteiro e do treino escotista. Assim não deixeis nunca que o escotismo se torne para vós num jogo sem interesse.

B. P.

A tolerância

Ser justo não é a única condição indispensável à cooperação entre os homens; é igualmente necessário ser tolerante. É às inteligências enérgicas, poderosas e perscrutadoras que se devem todos os progressos. Os rotineiros, os orgulhosos, os opressores dos espíritos e os perseguidores de quantos trazem à sociedade ideias novas, retardam e impedem a marcha do progresso. Não devemos julgar ninguém pelo que pensa, mas sim pelos actos que pratica.

JULES PAYOT

São três as coisas que deveis procurar adquirir se quereis preparar-vos para **serdes um homem,** *um homem útil:*

1. *Um* **Corpo** *que seja são e vigoroso.*
2. *Uma* **Inteligência** *viva, capaz de alcançar o que se espera dela e bastante desembaraçada para o executar.*
3. *Um* **Espírito** *decidido a fazer o bem custe o que custar.*

B. P.

Se a educação quiser preparar as crianças para uma vida útil e feliz (...) deve reservar um lugar no seu programa ao ensino do sentido da beleza.

O Culto da Beleza

«Amo as belezas dos vales,
Do mar azul e do céu; detesto as cidades
E considero-as como coisas feias
Onde a alma não pode abrir as asas e voar,
Onde o espírito do poeta se sente sufocado
Onde à poesia falta a cor.

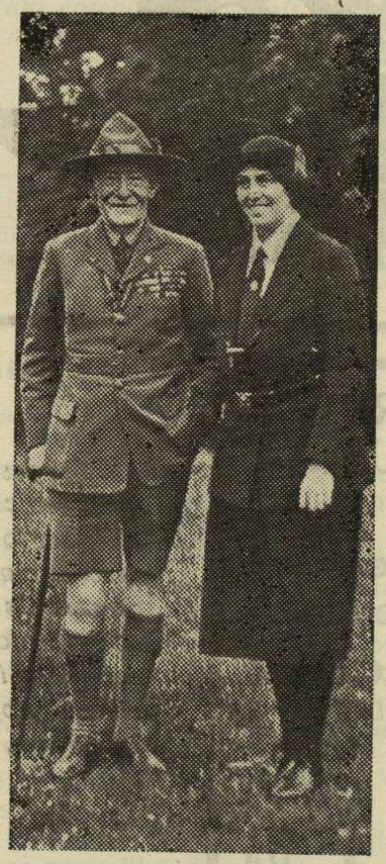
«Contudo, acabo de ver a glória da aurora
Iluminar Trafalgar Square
E vi de Cheyne Walk
Descerem do céu as sombras do poente
O que prova que a beleza tem a sua guarida
Tanto nas cidades como nos vales rústicos».

E. R. L. B. *(Morning Post)*

Escrevi estas linhas estendido numa camada de plantas secas, no ano passado, num dia dos princípios de Abril. O rio, de um cinzento acastanhado, corria a meus pés e ouvia distintamente o marulhar das águas e o seu murmúrio ritmado. Na margem oposta, a relva, ainda pálida do inverno que há pouco se fora, estava semeada de manchas mais escuras, onde apareciam as folhas dos trevos e dos jacintos dos prados. As encostas encontravam-se cobertas de junquilhos silvestres que se elevavam direitos, aos grupos, e se inclinavam gentilmente quando a brisa os acariciava.

Como pano de fundo, a colina elevava-se a pique, com as árvores — freixos, carvalhos e vidoeiros — destacando-se, despidas, sobre as filas escuras e cerradas dos pinheiros. Sobre tudo isto, flutuava o manto acinzentado das nuvens e da bruma da manhã.

Um espírito prosaico diria: «Em termos diferentes, tu estás sentado perto de um ribeiro, num dia sem sol. Porque o não confessar?» Porque não o confessar? Porque se pode aperceber uma outra coisa, se se tem os olhos abertos para ver. É esta capacidade de apreciar as belezas da natureza que faz do pescador um homem tranquilo, que alguns dizem ser tão semelhante a um asno, o símbolo da paciência. Porém, ele goza intensamente, não sòmente a pesca, mas as belezas que o rodeiam. Além disso, ele tem um sentido profundo de todas essas coisas.



Olave Baden-Powell

Baden Powell of Gilwell

Mas voltemos à nossa paisagem. Uma mudança produziu-se aí. Ali, onde não existia senão uma sombria uniformidade, aparecem agora as sombras e os fortes contrastes de luminosidade. Um pintarroxo, empoleirado num arbusto bem próximo, faz ouvir o seu canto tímido mas confiante. De repente, um pica-peixe voa ao longo do rio, como uma faísca de um azul brilhante. É um Arlequim. Depois, tudo muda de novo. As nuvens afastaram-se e o sol ilumina de novo a natureza, oferecendo novos valores de luz e de sombra, de forma e de cor. É uma paisagem gloriosa. Ali, onde estava há pouco uma cotovia, encontra-se agora o manto de penas finas como renda, de um verde delicado, destacando-se deslumbrantemente do fundo purpurino do bosque. Os vidoeiros elevam-se altaneiros na sua brancura de prata, salpicada de pequenas manchas douradas.

Os quentes raios de sol trazem-nos o perfume das primaveras e dos juncos que se destacam, como uma labareda, no azul do céu.

«Aonde o inverno reinava, chegou agora a primavera».

E é assim a vida. *Quando não se sabe descobrir nela a beleza, a vida é tão monótona como um dia sem sol.* O sentido da beleza permite ao homem transformar a sua terna concepção da vida e oferece-lhe perspectivas novas e mais brilhantes, uma nova alegria de viver.

Se a educação quer preparar as crianças para uma vida útil e feliz e não se contenta com fazer intelectuais ou letrados, deve reservar um lugar no seu programa ao ensino do sentido da beleza.

Diz-se que as mulheres tem falta desse sentido, mas de todas as criaturas da natureza elas são certamente as mais belas. Elas teriam o cuidado de refutar aquele ataque quando ele é feito às que usam enchumaços, toucados, vestuário sem cintura, e àquelas que empregam o *bâton*.

Ruskin tinha razão quando dizia que sòmente o que é natural é belo, que «as formas e os pensamentos mais belos provinham directamente da natureza». Ao mesmo tempo, a beleza pode ser criada pelo homem quando ele exprime o sentimento do belo que há nele e quando ele o faz compreender aos outros pela pintura e escultura, pela poesia e pela música, pela literatura e pelos dramas, com a condição de não se manifestar numa arte excêntrica ou numa arte de propaganda pessoal que não é senão uma caricatura da verdadeira arte e que exprime deformidades em vez de beleza.

* * *

Torna se pois necessário, na educação dos futuros cidadãos, que o sentido da beleza lhes seja inculcado por estes meios a fim de que passe a fazer parte deles próprios. Mas para cultivar o espírito do adolescente, a prática vale mais que a teoria; eis por que a expressão do seu sentimento de beleza e do ritmo — porque estas duas coisas marcham a par — deveria ser estimulada de todas as maneiras, pelo desenho, pelo canto, a poe-

(Conclui na 19.ª página)

ERA ASSIM QUE O FUNDADOR

ESCREVIA AOS ESCOTEIROS PORTUGUESES

«Levo comigo uma saudosa recordação desse curto tempo e dos esplêndidos escoteiros que, na recepção, tive ocasião de ver» — dizia Baden-Powell após a sua visita a Portugal em 1929.

«É evidente que os escoteiros dos Açores alcançaram plenamente o alto padrão de eficiência atingido pelos seus irmãos escoteiros de Portugal» — afirmava Baden-Powell em carta dirigida ao chefe do Grupo 80 de Ponta Delgada.

Na ocasião da visita a Lisboa do Chefe Mundial, os Escoteiros de Coimbra enviaram à capital dois representantes, o subchefe e um escoteiro do grupo n.º 66, que tomaram parte na recepção e entregaram a Baden-Powell um álbum com fotografias de Coimbra e de vários trabalhos de escoteiros daquela cidade, bem como uma colecção do jornalzinho «O Escoteiro de Coimbra». Já no alto mar, o Fundador escreveu-lhes esta carta:

No mar, 5 de Março de 1929. — Meus caros irmãos escoteiros de Coimbra: — Recebi hoje a vossa amabilíssima oferta de um álbum de fotografias, que me veio trazer a todos vós até junto de mim. Muito me alegro em poder assim verificar a união em que viveis.

Eu só desejava, se me tivesse sido possível, visitar a vossa antiga e interessante cidade, para vos ver pessoalmente, mas o meu tempo para Portugal foi infelizmente limitado a poucas horas.

Levo comigo uma saudosa recordação deste curto tempo e dos esplêndidos escoteiros que na recepção tive ocasião de ver. Por isso o vosso álbum será guardado como uma encantadora lembrança desta visita ao vosso país.

Permitam que lhes venha reforçar o pedido de atenção para os pontos que sugeri aos escoteiros quando os vi em Lisboa, e que são:

1.º — Praticai a Lei Escoteira, — *Pondo-a em prática na vossa vida quotidiana, principalmente auxiliando o vosso semelhante.*

2.º — Dizei a vós mesmos: — «*O meu país é moralmente grande e eu farei tudo quanto puder para o tornar ainda maior*».

3.º — Considerai como verdadeiros irmãos todos os escoteiros dos outros países, *escrevendo-lhes ou visitando-os. Se um dia os homens de todos os países fossem irmãos e não estranhos, então acabariam as guerras e a paz reinaria no mundo.*

Que no primeiro Jambori Internacional Escoteiro em Binkerhead, em Agosto próximo, possamos ver um contingente de escoteiros de Coimbra. Podeis estar seguros de uma calorosa recepção nos braços dos vossos irmãos ingleses.

Entretanto, aceitai os meus cordeais agradecimentos e os melhores votos de prosperidades.

Vosso verdadeiro ROBERT BADEN-POWELL



No último dia do Jambori de Copenhague, o rei da Dinamarca foi inspeccionar os escoteiros. A chuva caía em abundância, e todos os participantes no acampamento estavam num pingo.

Quando B.-P. anunciou os resultados dos concursos, olhando os escoteiros todos encolhidos na sua frente, disse-lhes:

« — Tenho visto muitos escoteiros, mas nunca vi nenhuns tão molhados como vocês!...

No regresso da sua viagem pelas Índias Ocidentais, esperava-se que o Chefe Mundial visitaria Ponta Delgada. Por esse motivo, os Escoteiros da Ilha de S. Miguel prepararam ali uma magnífica recepção, de que B.-P. teve conhecimento, pelo que lhes endereçou a seguinte carta, documento que muito honra os Escoteiros de Portugal.

Londres, 19 de Março de 1930

Meu caro Chefe-Escoteiro:

Acabo de chegar do meu cruzeiro pelas Índias Ocidentais, tendo deixado o «Alcântara» nas Bermudas, onde estive alguns dias, partindo depois para Nova Iorque, a fim de visitar os escoteiros e as guias dali.

Não julgava que me estivésseis esperando nos Açores, porque escrevi em 5 de Fevereiro ao vosso Comissário Nacional, dizendo-lhe que não poderia visitar a vossa Ilha; mas, segundo parece, essa carta não chegou ao seu destino.

Lady Ingilby enviou-me uma descrição pormenorizada da maravilhosa recepção que me tinheis preparado, e não podeis imaginar quanto gostei de ver elogiada a vossa boa vontade e quão pesaroso fiquei de ter causado tanto trabalho para nada, deixando os vossos rapazes desapontados.

Lady Ingilby fala do aprumo e cortesia dos vossos escoteiros marítimos e da esplêndida recepção que estava preparada em terra para minha mulher e para mim. Descreve também a enorme torre, o arco triunfal e a linda decoração de plantas, assim como as flores, os frutos, e os trabalhos manuais. Tanto ela como William Ingilby, que têm visto bastantes escoteiros, me afirmaram que poucas vezes têm encontrado escoteiros que se apresentem melhor.

Todos bem uniformizados, apresentavam-se correctamente, rápidos e activos nos seus movimentos; enfim, tipos excepcionalmente bons de rapazes. Ficaram igualmente bem impressionados com as suas indubitáveis faculdades de trabalho e com a forma como mantiveram o entusiasmo inicial não obstante terem sofrido o desapontamento da nossa não comparência. Em conjunto todos mostraram possuir o verdadeiro espírito escotista.

Lady Ingilby prometeu-me as fotografias que tirou e que me mostrarão duma forma mais completa como os vossos rapazes se apresentaram. Muito gostarei de as receber, mas estou certo de que elas virão aumentar a minha pena por não ter ido aí ver tudo com os meus próprios olhos.

Já vi os vossos irmãos escoteiros de Lisboa e da Madeira e, pela descrição que recebi, é evidente que os escoteiros dos Açores alcançaram plenamente o alto padrão de eficiência atingido pelos seus irmãos escoteiros de Portugal.

(*Conclui na 18.ª página*)

ERA ASSIM QUE O FUNDADOR ESCREVIA AOS ESCOTEIROS PORTUGUESES

(Conclusão da 17.ª página)

Espero que noutra ocasião terei o gosto de vos visitar. Entretanto, envio-vos os meus melhores agradecimentos, fazendo votos pela felicidade de todos.

Sinceramente vosso

BADEN-POWELL

(...) Isso torna-me ainda mais orgulhoso das minhas relações com Portugal — escrevia B.-P.

12 de Abril de 1934.

Queridos Irmãos-Escoteiros:

Sinto muito que me não tenha sido possível desembarcar, para vos ver e também para apresentar os meus respeitos a S. Ex.ª o vosso Presidente da República, mas deveis lembrar-vos de que tenho estado muito mal e vim a este cruzeiro pelo Mediterrâneo como um doente e não como um escoteiro. Todavia, a viagem tem-me feito tanto bem, que me senti hoje com forças, pela primeira vez durante a minha doença, para vestir o meu uniforme e ver uma parada de escoteiros.

Quero agradecer-vos a amabilidade da vossa parada junto do navio para me verem e para que me fosse possível vê-los.

E devo assegurar-vos que o facto de ver-vos assim em tão grande número e tão belo aspecto me deu a maior das satisfações possíveis. Isso torna-me ainda mais orgulhoso das minhas relações com Portugal, porque eu sou detentor da ordem de Cristo portuguesa e membro honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa, de renome mundial.

Eu espero que vós todos continueis a ser bons escoteiros, e como tal bons cidadãos do vosso país e bons amigos dos vossos irmãos escoteiros das outras nações.

Do coração vos desejo o maior êxito e

«Bom campismo»

a) BADEN-POWELL
(Chief Scout)

Eu, a Chefe Guia e todos os dirigentes ingleses ficámos bem impressionados com o que tivemos ocasião de ver do movimento escotista português — afirmou B.-P.

13 de Abril de 1934.

Senhor:

Sinto-me obrigado a enviar-lhes esta breve carta, para lhe dizer quão bem impressionados ficámos, eu, a «Chief Guide» e todos os dirigentes ingleses com o que tivemos ocasião de ver do movimento escotista português.

O desfile e a maneira correcta como foi realizado são uma prova do zelo dos escoteiros portugueses e do bom trabalho que está sendo feito por todos os seus dirigentes, e gostaria de, por vosso intermédio, felicitá-los pelos admiráveis resultados desse trabalho.

Sinto bastante que, devido às prescrições rigorosas do meu médico, não me tivesse sido possível falar pessoalmente convosco, mas pelo que vi dos vossos escoteiros posso deduzir que o Escotismo se está aí desenvolvendo bem, e cordialmente lhe desejo o maior êxito na boa colaboração que dá ao nosso Movimento.

Sinceramente vosso

a) BADEN POWELL

Carta dirigida ao Presidente da A. E. P., sr. dr. Sá Oliveira.

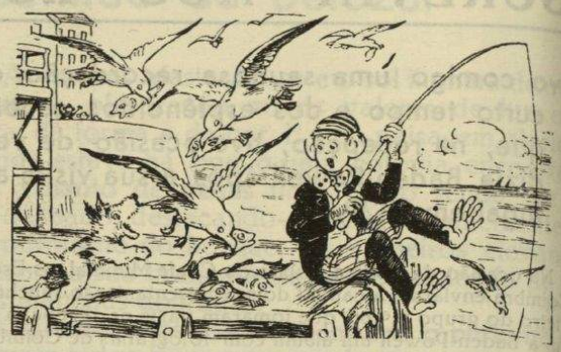
Deves viver a tua própria vida e, se queres ter êxito, se tu queres a felicidade, és tu mesmo quem a deve adquirir. Ninguém o poderá fazer por ti.

Não fiques nunca sentado, chorando ou franzindo as sobrancelhas. Mas conduz tu mesmo o teu barco.

B. P.

AVENTURAS DE FIFI

XIV



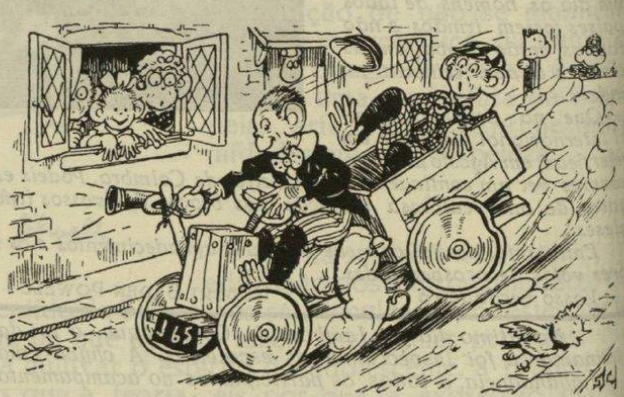
E o Fifi continua em férias. Agora dedica-se à pesca. E com que resultados... Pelo menos as gaivotas estão beneficiando. Se não é o cão, a pesca ia toda ao «ar». As gaivotas estão contentes, mas o Fifi e o cãozinho é que não parecem muito satisfeitos.



Pobre pianista! Que susto tremendo! Fifi, isso não é coisa que se faça. Assim, estarás sempre dando mau exemplo aos nossos rapazes.



Com um avião tão estranho, não haverá aterragem forçada? Temos a impressão de que sim. Coitado do cão, sempre metido em sarilhos.



É certo que o automóvel está bastante engenhoso. O motorista é que não é de muita confiança. Não haverá ainda uma pane? Pobres transeuntes. O pior é que o guarda da polícia é capaz de lhes pedir a carta. Como é que eles, depois, se livrarão do sarilho.

O Culto da Beleza

(*Conclusão da 16.ª página*)

sia, a dança, a arte dramática, etc..

Além disso, os olhos podem ser abertos à beleza que reside no seu trabalho, de forma que ele sinta a alegria e o orgulho em modelar um vaso, em tecer uma peça de pano, em construir com precisão um maquinismo ou a fazer um qualquer trabalho manual. É preciso que ele passe a considerar o seu trabalho como um trabalho de artista, mais como uma obra de amor do que como uma tarefa obrigatória.

Há ainda a beleza que pode ser desenvolvida no nosso próprio carácter. Vi esta beleza numa mulher que todo o mundo admirava, não pela formosura das suas feições ou pela elegância do seu corpo — ela não era bonita — mas pela maravilhosa beleza do seu carácter que espalhava em redor amor e felicidade. Era um anjo na terra, mas beleza era o único termo que se podia aplicar ao seu carácter.

Dizendo que é essencial inculcar ao rapaz o sentimento de beleza, não desejo afirmar que haja pessoas em que este germe não exista já quaisquer que sejam as tristes condições em que vivam. Lembro-me do soldado das Coldstream Guards que, quando viu, de repente, o magnífico panorama que se estendia perante Devil's Kantor no Transval, gritou: «E pensar que há idiotas que dizem que não há Deus!»

Todavia — regra geral, os olhos dos homens só estão meio abertos e não sabem ver as belezas da natureza que os rodeiam. A glória de de um pôr de sol visto da ponte Westminster, a cor quente de uma velha parede de tijolos, as tonalidades e a bruma da fumarada, o vapor e o fumo de um centro industrial não trazem nenhum gozo aos olhos que não sabem ver.

À primeira vista, não descortinamos qualquer beleza numa estrada alcatroada, mas mesmo aí podemos discernir cores de um azul arroxeado num pedaço mais brilhante, as quais se transformam, nas extremidades, em tons mais claros, à semelhança desta maravilha da natureza que é o dorso cheio de cambiantes de uma serpente negra.

* * *

Esta ausência do sentimento da beleza é ainda mais sensível nos meios miseráveis onde tantos dos nossos semelhantes são obrigados a viver. Nos bairros mais pobres encontra-se, aqui e acolá, uma casa limpa e bem cuidada, alegrada pelas janelas floridas, mostrando que também aí o sentimento e a expressão da beleza podem existir, em despeito das condições menos favoráveis. O gosto existe, mas há necessidade de ser desenvolvido e generalizado.

Nos dias de feriado, o povo vai aos milhares buscar a primavera nos recantos dos jardins zoológicos. Tanto melhor. Mas como exprimiu ele a sua satisfação? Abandonando aí cartuchos, embalagens de cigarros, caixas de fósforos vazias, jornais, restos de comida, atingindo quase uma tonelada os detritos que, depois, se têm de retirar. Assim é vulgar verem-se os jardins, que deviam estar bem tratados e enfeitados de flores, tornarem-se receptáculos imundos e horrendos de latas de conserva e lixo de toda a ordem. Cultiva-se a sujidade em lugar da limpeza e do belo. Tomemos atenção neste facto e não o esqueçamos. Um meio onde reine a fealdade gera a disposição para essa mesma fealdade, assim como um sentido mais desenvolvido da beleza significa uma vida mais iluminada e mais feliz para todos... Mais do que isto: a beleza dirige os pensamentos para um ideal mais elevado, acima das ambições miseráveis, dos pequenos aborrecimentos quotidianos, aproximando o homem de Deus.

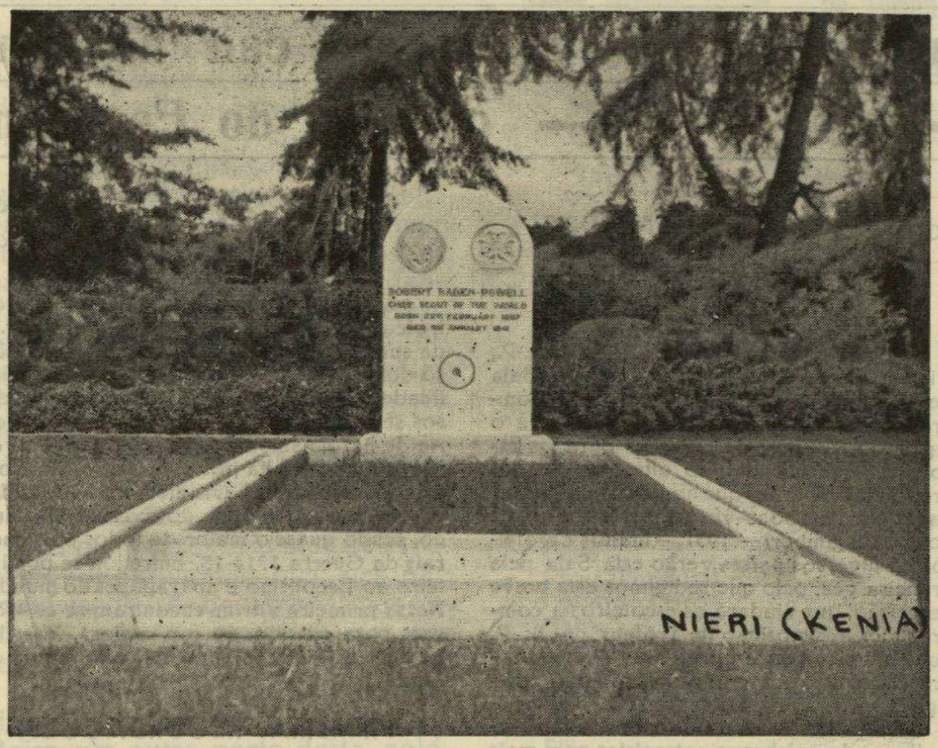
O sentimento de grandeza impressionante que oferecem as mais imponentes catedrais pelas suas proporções grandiosas e pormenores artísticos, provém, como observou Ruskin, do facto de que elas são, acima de tudo, imitações da natureza.

É no templo de Deus, que não foi feito por mão de homem, no interior das florestas, com as suas janelas de ramos entrelaçados através das quais podemos ver o céu, os campanários, os cumes das montanhas, com os vastos e calmos horizontes, que o homem que sabe compreender pode melhor entrar em contacto com o Todo-Poderoso e forjar uma nova concepção da vida.

BADEN-POWELL

Capítulo do livro «Franchis l'obstacle!» —Delachaux et Niestlé.

Em Nieri, onde, sob os braços da cruz, a flor de lis e o trevo encimam um sinal de fim de pista...



Aqui descansam os restos humanos de Robert Baden-Powell, único Chefe Escoteiro Mundial, Aqui, desde 8 de Janeiro de 1941, *vive* Baden-Powell o seu último acampamento, sob o mesmo céu de África que viu nascer o sonho magnífico de Mafeking. Está presente Baden-Powell nesta modesta sepultura de soldado e escoteiro.

ENGENHEIRO JORGE PEREIRA JARDIM

O major Fetherstonhaugh narra o seguinte episódio a respeito de Baden-Powell:

«Eu devia encontrar-me com B.-P. na Jamaica. Ele tinha ido para ali, num moderno navio, o Arcádia, *o primeiro que possuía uma piscina.*

«B.-P. comunicou-me depois que a viagem tinha sido muito agitada, em virtude do mau tempo. E concluía dizendo:

« — A parte mais seca do navio era a piscina, pois a água, com os balanços, tinha saltado toda para fora...»

Esta é uma breve e inadquada descrição do aspecto físico da Sala de Baden-Powell. Não é fácil falar do espírito e ambiente deste lugar sem cair no sentimental. É o próprio coração do Escotismo.

POR LEONARD C. ATTRILL

Guardião da Sala de B.-P. na Sede Imperial da Associação Britânica de Escoteiros.

A SALA DE B.-P.

Enquanto se não constrói a Casa de B.-P., e isto não será antes de oito anos — a Sala de Baden Powell na Sede Imperial de Londres (25, Buckingham Palace Road) será o lugar obrigatório de reunião para os Escoteiros que venham do ultramar ou das províncias. A todos que nos visitam são-lhes dadas cordiais boas-vindas e esperamos que no ano do Jambori — 1957 — muitos Escoteiros de diversos países verão esta Sala pela primeira vez, pelo que redigimos esta breve descrição, que ajudará os escoteiros a compreender a Exposição de Troféus de B.-P. que aqui se exibe, e talvez lhes dê uma impressão mais clara, que poderão levar consigo.

A Sala em si era usada por Baden-Powell quando celebrava entrevistas com mais de duas ou três pessoas, o que era muito frequente. Também se usava como salão de reuniões do Conselho Nacional e das suas diferentes comissões.

Esta Sala foi usada assim mesmo para reuniões do pessoal da Sede Imperial, para recordar a B.-P., a Lorde Somers, para serviços comemorativos, etc.

Durante a Guerra Mundial, o Grupo Escoteiro Internacional reunia-se nesta sala todos os meses. Este Grupo estava constituído por representantes das Associações Escoteiras que tinham estabelecido as suas sedes em Inglaterra, por terem sido desalojadas pelo inimigo dos seus próprios países. Os Clãs de Caminheiros (do Serviço Militar) do Canadá, Noruega e Luxemburgo reuniam-se aqui mensalmente, e noutras ocasiões o Clã dos Holandeses.

A Sala de B.-P. foi o cenário das mais diversas reuniões e recepções de carácter internacional. Tem uma atmosfera característica. É certamente raro que não haja sempre algum visitante e durante os sábados e dias festivos está completamente cheia. A Exposição de Troféus foi montada com as jóias e peças que o próprio Baden-Powell enviou à Sede em 1937, quando se estabeleceu no Quénia.

Na colecção existem dezanove Ordens de Cavalaria (condecorações) que foram outorgadas a B.-P. por diferentes nações. Guardamos com especial agrado a Real Ordem de Danneborg, cuja insígnia, de acordo com as regras, deve ser devolvida após a morte do seu possuidor. Depois da libertação da Dinamarca, Sua Majestade o Rei reclamou a jóia, porém, quando se lhe explicou onde se encontrava, graciosamente permitiu que a continuássemos exibindo aqui.

A primeira vitrina da Sala contém os troféus da primeira parte da vida de B.-P. e da sua carreira militar, demonstrativa não só dos seus recursos humanos, da sua jovialidade e de sua eficiência militar em diversos serviços, senão também da sua categoria de herói nacional. Quando Baden-Powell ganhou a mais alta posição dentro do Corpo de Cavalaria e havia melhorado consideràvelmente a eficiência do Exército Britânico, sendo quase o maior de todos os generais da Guerra 1914-18, entregou-se por inteiro ao Escotismo e aos rapazes do mundo. Nessa primeira vitrina encontram-se as «Regras para quando eu for maior», escritas quando B.-P. tinha sòmente oito anos de idade.

PRIMEIRAS RECORDAÇÕES

Na segunda vitrina encontram-se os troféus relacionados com a fundação do Escotismo para Rapazes em 1908. Há fotografias do Acampamento da Ilha de Brownsea (o seu primeiro acampamento experimental com quatro patrulhas formadas por rapazes de todas as classes sociais), os primeiros exemplares de «Escotismo para Rapazes» e outras muitas coisas. Também aparecem aqui as suas condecorações escoteiras de muitos países.

A terceira vitrina está dedicada às actividades do Escotismo durante as duas guerras mundiais. Em relação com isto fica demonstrado que nos dois conflitos armados prevaleceu o mesmo espírito, e que, no último, as múltiplas formas com que os escoteiros ajudaram, foram justamente um desenvolvimento lógico das experiências da primeira guerra mundial.

Na exibição da última conflagração aparecem quatro bandeiras dos inumeráveis clãs de Caminheiros que funcionaram em todos os Serviços de Terra, Mar e Ar das Força Britânicas.

Sobre o fogão está o óleo de B.-P. devido a Jagger, que é já bem conhecido no mundo inteiro. Aos seus lados estão os retratos dos seus sucessores como Chefes Escoteiros do Império e Comunidade de Nações Britânicos: Lorde Somers e Lorde Rowallan.

As restantes vitrinas estão dedicadas às ofertas e troféus que B.-P. recebeu de muitos Escoteiros, Grupos e Associações de todo o mundo. Seguramente existem muitos outros presentes além destes, já que não deve haver um só país que não tenha obsequiado B.-P. de alguma forma, porém, alguns destes presentes estão sob guarda de Grupos de Escoteiros, outros na posse de Lady Baden-Powell e ainda outros na sua antiga casa e na sua residência do Quénia.

Fazemos esta declaração para que os visitantes não fiquem desiludidos se não virem representado aqui o seu próprio país. Quando se construir a casa de B.-P., onde disporemos de maior espaço, esperamos que cada Associação Escoteira do Mundo possa ter a sua exibição de maneira a que esses troféus de B.-P. possam ter uma significação mais particular para cada visitante.

É difícil citar especialmente determinados objectos, porque cada um tem um interesse diferente para cada visitante, contudo, mencionaremos alguns para ajudar a observar os que nos visitem.

Aqui está a «Camisa de Buckskin» pertencente à Irmandade dos «He-Men» que foi entregue a B.-P. por Dan Beard. Também são dignos de serem vistos os emblemas de todos os Jamboris. Da Índia há um impressionante Elefante de Prata, que os Escoteiros da Índia ofereceram a B.-P. durante o Jambori de 1937. Este elefante é o favorito dos nossos mais jovens visitantes, os Lobitos e irmãozitos e irmãzitas destes. A China está representada por um delicado modelo em marfim do túmulo de Sun-Yat Sen.

Muito nos orgulhamos do nosso Livro de Visitantes Distintos, que contém, entre outras, as assinaturas de Sua Majestade o Rei Jorge VI, o Duque de Gloucester, do Príncipe Bernardo, do Príncipe Gustavo Adolfo da Suécia, dos Chefes Escoteiros dos Estados Unidos, da França, etc.

Também devem ver-se vários trabalhos de talha em madeira, da Holanda, um realmente notável de B.-P. e outro de um Escoteiro holandês.

(*Conclui na 21.ª página*)



Vista parcial da sala de B.-P. em Londres--Inglaterra

A Sala de Baden-Powell

(Conclusão da 20.ª página)

Para o extremo sudoeste da Sala, há uma vitrina dedicada em parte a uma exibição temporária de troféus do actual Chefe Escoteiro Britânico, Lorde Rowallan, e em parte à colecção de desenhos de B.-P. Nesta mesma vitrina está a bandeira de Lobitos que cobriu a urna de B.-P. no seu funeral no Quénia (Janeiro de 1941).

Vale bem a pena ver os desenhos de Baden-Powell. Há alguns feitos em pedaços de papel corrente, enquanto escutava o que se dizia numa reunião ou conferência. Os que assistiam a estas juntas guardavam estes «sketches» logo que terminava a reunião e o Chefe se retirava. Têm-se guardado estes desenhos com tanto zelo quanto trabalho custou a organizar esta colecção! B.-P. costumava desenhar indistintamente com a mão direita ou esquerda e até fazia dois «sketches» diferentes simultâneamente, um com cada mão. Na parte superior esquerda da vitrina há um desenho particularmente interessante que fez B.-P. com a mão esquerda enquanto o Conselho discutia o problema de «o Escoteiro maior». A representação de B.-P. sobre o assunto é simplesmente indiscritível —os leitores vê-lo-ão algum dia!

No cimo desta vitrina está um quadro com as ilustrações de B.-P. para os seus livros e mais acima os seus cartões de Boas Festas de Natal desde 1906 a 1940, desenhados por ele mesmo. Junto a esta exibição encontra-se a mundialmente conhecida «Última mensagem de B.-P. aos Escoteiros», e a cópia da última comunicação a Sua Majestade enviada por intermédio do seu amigo Lorde Wigram, que era então «Lord-in-Waiting» do Rei e membro do Conselho da Associação Britânica de Escoteiros.

PINTURAS

Como se estas exibições não fossem suficientes para demonstrar que B.-P. era um artista, um soldado, um escritor e o Chefe Escoteiro, há também quatro excelentes aguarelas pintadas durante os últimos anos da sua vida. Estas aguarelas estão colocadas na esquina noroeste da Sala. A mais recente foi pintada quando B.-P. tinha 81 anos de idade!

Na esquina há um retrato de Jack Cornwell, o rapaz da Cruz Vitória na Batalha da Jutlândia. Também existe uma ilustração inspirada num incidente que contou a B.-P. o Capitão do H. M. S. Chester, baseado no qual Baden-Powell pintou um quadro, cuja cópia aparece ali também. Ao lado há uma cópia da pintura feita por Frank O. Salisbury, quando Jack Cornwell ganhou a sua Cruz Vitória —que nos foi dada pelos marinheiros da Divisão Portuária de Chatham, à qual pertencia Chester, e cujo original se encontra no próprio Refeitório de Chatham — assim como a Cruz de Bronze de Jack, que lhe foi concedida póstumamente pelo Chefe Escoteiro.

Temos também a forma das pegadas de B.-P. tomadas em 8 de Maio de 1908 no Campo de Treino de Habershegy, na Hungria. Esta não é só uma relíquia de tipo sentimental, é uma lição completa de rasteio e mostra como colocar os pés e mover-se, como caminhar devagar e silenciosamente, como saltar, se é necessário, numa fracção de segundo.

Esta é, pois, uma breve e inadequada descrição do aspecto físico da Sala de B.-P. Não é fácil falar do espírito e ambiente deste lugar sem cair no sentimental. Porém é assim mesmo. Sente-se desde que ali se entra. É o próprio coração do Escotismo. B.-P. fixou as bases e por isso a sua memória penetra e filtra-se em todas as coisas. Os visitantes ajudam a manter esta atmosfera. Ontem veio um Escoteiro do Ceilão. Esta tarde veio um Escoteiro de França e três Guias do Luxemburgo.

Se fosse possível expressar isto com palavras.

...Porém é impossível. Os Senhores devem vir aqui e vivê-lo.

Boletim Scout de las Americas —Maio de 1955

ESCOTEIROS PORTUGUESES

(Conclusão da 8.ª página)

seguiu encontrar, de tal forma que, pela manhã, quando os escoteiros e as escoteiras tinham de novo organizado um cortejo, pude-me levantar, vestir meu uniforme e dirigir-me a terra para lhes passar revista.

Tinha vertigens, sentia-me bastante fraco, porque esta maldita febre deita um homem abaixo num curto espaço de tempo; mas eu pude assim mesmo percorrer cada fileira de caminheiros, escoteiras, escoteiros, lobitos e avezinhas. Fiquei impressionado, devo dizê-lo, do seu magnífico porte, da limpeza dos seus uniformes, da sua bela apresentação geral, os caminheiros muito particularmente, jovens altos bem desempenados.

As numerosas insígnias de especialidade provavam que eles não eram escoteiros de parada, mas punham todo o coração na sua tarefa.

Isto não me surpreendeu, porque dois dias antes tínhamos tocado na Beira, um outro porto desta colónia portuguesa, onde tínhamos encontrado um grupo de escoteiros que nos deu a mesma excelente impressão. Visitámos a sua sede central e assistimos a um fogo de conselho dado em nossa honra.

Este fogo de conselho foi muito alegre, e, embora não pudéssemos compreender uma só palavra da sua linguagem, algumas das suas canções e dos coros fizeram-nos rir até às lágrimas. Fizeram-nos também ouvir solos acompanhados à guitarra e engraçadas cambalhotas e habilidades.

Em resumo, trouxemos desta visita aos nossos irmãos escoteiros portugueses uma excelente impressão; eles podem certamente comparar-se àqueles que vimos em Lisboa e na Madeira.

São igualmente amigos dos seus vizinhos, os escoteiros ingleses da Rodésia, da União da África do Sul. Acampam juntos, trocam visitas. Um forte contingente de escoteiros portugueses participará no Jambori da África do Sul, em «East London».

Se puderdes fazer o favor, hoje ficarei por aqui: tenho a cabeça vazia e cheia de zumbidos. Creio que farei bem se beber um pouco de limonada e depois me meter na cama para dormir um pouco e desembaraçar-me desta estúpida febre.

Eu devo-a ter apanhado na região selvagem do Quénia, que é conhecida pelo país das febres.

Desejaria estar desembaraçado da febre dentro de poucos dias, a fim de estar em condições para o grande Jambori. Por agora, passo o tempo na cama, a bordo do *Incomati*, preguiçoso e confortàvelmente, mas com uma horrível dor de cabeça, uma sede espantosa e nenhuma vontade de comer seja o que for.

BADEN-POWELL

NOTÍCIAS DO JAMBORI DO JUBILEU

Inscrições no Jambori

Áden	28
Alemanha	2.600
África do Sul	531
Arménia (Escoteiros da)	55
Austrália	161
Áustria	1.140
Barbados	44
Bechuanaland	4
Bélgica	2.000
Bermuda	25
Brasil	115
Birmânia	8
Canadá	1.353
Ceilão	50
Chile	28
China (Formosa)	14
Costa do Ouro	18
Cuba	50
Dinamarca	1.741
Egipto	100
Estados Unidos da América	1.600
Filipinas	32
Fiji	7
Finlândia	120
França	1.500
Gâmbia	5
Grã-Bretanha	8.750
Grécia	140
Holanda	2.000
Islândia	100
Índia	270
Irlanda	500
Israel	10
Itália	2.400
Jamaica	67
Japão	12
Kuwait	16
Líbano	150
Liechtenstein	50
Luxemburgo	660
Malta	52
México	96
Nova Zelândia	300
Nigéria	30
Noruega	650
Niassalândia	14
Paquistão	150
Peru	19
Portugal	100
Quénia	52
Rodésia do Norte	50
Rodésia do Sul	91
Sarawak	3
Serra Leoa	13
Sudão	13
Suécia	900
Suíça	1.050
Tanganica	20
Trindade	40
Turquia	26
Uganda	20
Venezuela	42
Hong-Kong	23

Cumprimentos de Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos endereçar o seu cartão de boas festas e votos para o Ano Novo, os seguintes amigos:

Srs. Prof. Anibal Ramos, António F. M. Xavier de Brito, António Rodrigues da Silva, D. Júlia Maria de Oliveira e Silva, Estêvão da Silva e Justino Estêvão da Silva, Lindolfo Martinho P. de França P. de Mendonça, Wolgang Karl, Casa Mãe das Raparigas da Cidade e Ottosgráfica L.da, de Lisboa.

Srs. António Viegas Custódio, de Carcavelos; Amândio Delfim de Matos, Floriano Pereira Pinheiro, Rev. Vidal Vieira dos Santos, do Porto; Francisco dos Santos Oliveira, de Setúbal; André Joaquim Pereira de Figueiredo, de Luanda; Jacinto dos Reis Moniz Silva, e Leopoldino da Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo; H. T. Gomes de Freitas, do Aeroporto de Santa Maria; Edmundo de Matos, de Lourenço Marques; Manuel Ferreira Valério, de Entroncamento; François Baradez, de Saint-Denis, França; Falcó Certer, de Barcelona; J. Forasté, Madrid; Esteban Martinez Perez, de Valência; J. Delgado e Victor Perez Ríos, de Vigo. Associação Escoteira «Silva Pais», Rio Grande do Sul.

Chefe Nacional e Comissário Internacional do C. N. E., Junta Local de Setubal, Alcateia 44, Grupo 67 e Clã 3 do IX Agrupamento, de Campanhã, Porto, todos do C N. E.

Grupos 1, 2, 5, 7, 53, 94 e sua Alcateia, «Pedro Álvares Cabral», de Lisboa; 6 e sua Patrulha Tigre, de Olhão; 44 de Gaia, 52 de Angra do Heroísmo, 77 de Faro, 84 do Entroncamento e 93 de Sintra, todos da Associação dos Escoteiros de Portugal.

A todos apresentamos os nossos melhores agradecimentos, com sinceros votos de felicidades para 1957.

Conferências de Manuel Ferreira
sobre TIMOR

Promovida pelo Departamento Cultural da Juventude Evangélica Portuguesa, o nosso dedicado colaborador sr. Manuel Ferreira, antigo escoteiro, proferirá na sede daquela agremiação na Av. de D. Carlos I, 35 3.º Dt.º, no dia 28 do corrente, às 21.30 horas, uma nova conferência sobre a província ultramarina de Timor, sob o tema «Timor, sua gente e sua história», conferência que é aguardada com muito interesse.

Em 7 de Janeiro passado, no Ateneu Comercial de Lisboa, em sessão promovida por este jornal, de cooperação com a Fraternal, o sr. Manuel Ferreira falou sobre «Timor-Orgulho de Portugal», versando aspectos geográficos, etnográficos e históricos, conseguindo prender a atenção do escolhido auditório, que aplaudiu calorosamente o orador.

O conferente foi apresentado pelo nosso Director e o sr. dr. Tovar de Lemos, Presidente da Fraternal, que presidiu à sessão, felicitou-o, manifestando o interesse da conferência e da beleza da exposição feita, autêntica lição sobre aquela distante parcela de Portugal.

Manuel Ferreira foi no final muito felicitado.

LEIA
«WORLD SCOUTING»
A revista mensal do Escotismo Internacional
(Escrita em Inglês e alguns artigos em Francês)
Estará sempre informado
do que se passa entre os 6 milhões de escoteiros de 60 países, na África, América, Ásia, Europa e Oceania.
Publica
Os melhores artigos sobre técnica e educação escoteira
Assinatura anual: £ 0. 12. 6
Remeta a sua assinatura para
BOY SCOUTS INTERNACIONAL BUREAU
132, Ebury Street, London, S. W. 1.
England
O «Sempre Pronto» poderá encarregar-se de fazer a assinatura de «World Scouting» para os seus leitores. O custo da assinatura e despesas será de Esc. 60$00.

Aos nossos leitores:

Os anunciantes do «Sempre Pronto» são amigos do Escotismo, que desejam cooperar na obra do nosso Jornal a favor do Movimento.

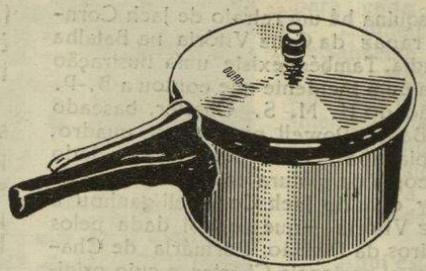
Preferir as suas Casas e os seus produtos é corresponder à sua simpatia e testemunhar que o Escoteiro é grato. Não deixemos, portanto, de o fazer, tanto mais que seleccionamos os nossos anunciantes entre as mais conceituadas casas comerciais e industriais.

Um anunciante do «Sempre Pronto» é sempre uma firma que pode ser recomendada.

É ESTA A PANELA DE PRESSÃO COM QUE EU SONHAVA!



DURO-matic



Porque:

É construída em «PERALUMAN 30» um material 3 vezes mais resistente que o alumínio de que são fabricadas as outras panelas de pressão.

Por isso DURO-matic é de absoluta segurança!

O seu manejo é muito fácil e o seu preço moderado.

VENDE-SE EM TODAS AS LOJAS DE ARTIGOS DOMÉSTICOS. NÃO ENCONTRANDO PEDIMOS O OBSÉQUIO DE SE DIRIGIREM AOS

Representantes:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, L.DA

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 37 • TELEF. 59181 • LISBOA

«DUROMATIC» À venda com grandes facilidades de pagamento QUINTINO, L.DA—RUA DA PRATA, 141-2.º—Telef. 367373—LISBOA

No Jambori de Birkenhead, em Inglaterra, em 1929, B.-P. recebeu o título de Lorde Baden-Powell of Gilwell. Nesta altura, por iniciativa dinamarquesa, foi levantada uma colecta que reuniu uma importante quantia Lady Baden-Powell, a pedido dos interessados, procurou saber do seu marido qual seria a lembrança que mais gostaria de receber dos escoteiros. «Um par de suspensórios!» foi a resposta pronta de B.-P. que acabava de partir os seus.

No dia da cerimónia, foi entregue ao Chefe Mundial um espléndido par de suspensórios... e ao mesmo tempo um espléndido automóvel «Rolls-Roice» com reboque de campismo. Durante todo o dia, B.-P. passeou, levando os suspensórios postos ... por cima do seu fato!



À PROVA D'ÁGUA

GRAÇAS AO

CASULO PARA IMPERMEABILIZAR TECIDOS!



RIA-SE DA CHUVA, IMPERMEABILIZANDO EM CASA, A TROCO DE UMA BAGATELA A SUA **GABARDINE (OU QUAISQUER OUTRAS ROUPAS)**, MEDIANTE O FORMIDÁVEL

CASULO PARA IMPERMEABILIZAR TECIDOS,

PRODUTO DA MÁXIMA EFICIÊNCIA
E DE GRANDE ECONOMIA

Cada frasco 17$50. À venda nas melhores Drogarias do País. Únicos fabricantes: S. P. S. (Fábrica dos Produtos Casulo). Rua dos Lusíadas, 29, Lisboa. Telefone 63 82 32. Envia-se grátis, a pedido, literatura deste e de outros produtos «Casulo».

PASTELARIA IMPERIAL, L.DA

Avenida António Augusto de Aguiar, 27
Telefone 4 71 08
LISBOA

■

PASTELARIAS
SALÃO DE CHÁ

■

SERVIÇO DE CASAMENTOS E BAPTIZADOS

■

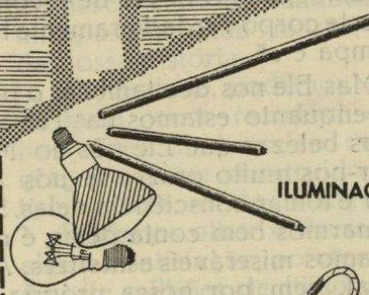
ESPECIALIDADE DA CASA

BIFES À IMPERIAL

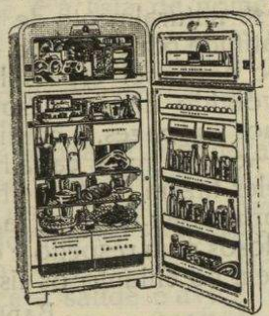
PHILIPS



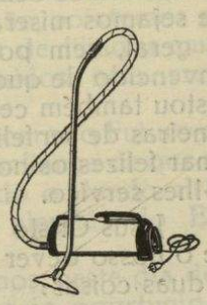
RADIOS



ILUMINAÇÃO



FRIGORÍFICOS



ASPIRADORES DE PÓ

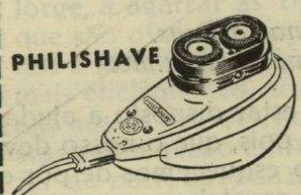
vida feliz no lar ideal



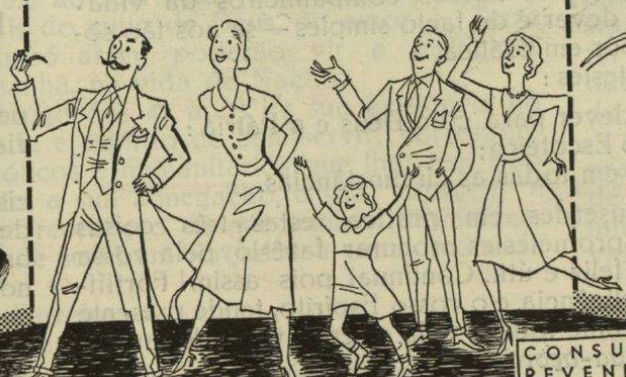
MÁQUINA DE LAVAR ROUPA



ENCERADORAS



PHILISHAVE — MÁQUINA ELÉCTRICA DE BARBEAR





AUTO-RÁDIOS

CONSULTE O REVENDEDOR MAIS PRÓXIMO

Fortificai o vosso Corpo, a vossa Inteligência e o vosso Espírito — aconselha Baden-Powell

O Caminho da Felicidade

Gosto muito dos cães. E vocês? São muito galhofeiros, maravilhosamente sensatos e muito fiéis. Aprendem a procurar, a trazer e experimentam um real prazer em demonstrar como são hábeis a fazê-lo.

Por isso, são de facto bons companheiros. Têm sempre vontade de passear e estão sempre prontos a fazer cabriolas com vocês, como companheiros de jogo. É maravilhoso observar que eles têm carne, sangue, ossos, cérebro e olhos, tal qual como nós, criaturas humanas, e como os outros animais, as aves, etc. Há uma espécie de parentesco entre nós todos.

Como escoteiros, no campo, vivemos no meio deles e, assim melhor os compreendemos. Quanto mais os conhecemos, mais os amamos e mais nos sentimos em parentesco com eles, duma maneira ou de outra.

* * *

E é isso que precisamente somos!

Eles, como nós, foram feitos por Deus, o Criador, que nos deu a vida, por isso somos de certa maneira parentes, quer se trate de criaturas humanas ou animais. Permanecemos um momento neste mundo e depois morremos. A principal diferença é que se nós, os homens, não podemos correr tão depressa como os cães, e não somos tão fortes como os cavalos, temos um cérebro mais inteligente, um espírito mais elevado que, por exemplo, nos permite ler e inventar, temos uma consciência que nos diz se fizemos o bem ou o mal, e conhecemos a existência de Deus.



Para começar, Deus deu-nos um corpo e nos incumbe, como dever de reconhecimento, de tornar este corpo verdadeiramente forte para uma vida limpa e sã.

Mas Ele nos deu também o poder de gozar a vida enquanto estamos na Terra. As maravilhas e as belezas que Ele pôs no Mundo podem oferecer-nos muito prazer se nós as soubermos admirar e tomar consciência delas. Se, porém, nós não tomarmos bem conta delas, é muito possível que sejamos miseráveis e infelizes. A infelicidade, em geral, vem por nossa própria culpa. Estou convencido de que Deus quer a nossa felicidade e estou também certo de que uma das melhores maneiras de ser feliz é de fazer todo o possível por tornar felizes os nossos semelhantes, isto é, prestar-lhes serviço.

Jesus Cristo veio à Terra para nos dizer que o nosso dever era o de servir a Deus, fazendo duas coisas:

1.ª *Amar a Deus.*
2.ª *Amar o próximo.*

Isto é estar disposto a ajudar os nossos companheiros da vida.

Vede, pois, que o nosso dever é de facto simples — se nós tão sòmente não o esquecemos de pôr em prática.

Como escoteiros, prometestes:

cumprir o vosso dever para com Deus e a Pátria:
obedecer à Lei do Escoteiro;
ajudar o próximo em todas as circunstâncias.

Se verdadeiramente puserdes em prática estas três coisas (como creio que o fazeis, pois prometestes procurar fazê-lo pela vossa honra), levareis uma vida viril, feliz e útil. Continuai pois assim! Fortificai o vosso Corpo, a vossa Inteligência e o vosso Espírito, tende presente a vossa promessa escoteira durante toda a vida e sereis verdadeiramente UM HOMEM — e não um *papa-açorda!*

RESPEITO DE SI PRÓPRIO

Falando-se das formas de piedade que o rapaz deverá ser encorajado a desenvolver, não devemos omitir uma importante, o respeito de si próprio. Isto pode ser inculcado primeiro pelo estudo da natureza. Pode-se estudar a anatomia das plantas ou dos pássaros, ou dos crustáceos e ver aí uma maravilhosa obra do Criador. Seguidamente, pode-se fazer, sob o mesmo ponto de vista, a própria anatomia do jovem: os músculos, o esqueleto, os nervos, a circulação do sangue e a respiração, o cérebro e a sua função sobre os movimentos, tudo isso repetido até aos mínimos pormenores nos milhões de seres humanos, embora não haja dois que tenham a mesma face ou as mesmas impressões digitais. Daí ao rapaz a ideia de que ele tem um corpo maravilhoso, que deve guardar e desenvolver como sendo a obra e o templo de Deus; um corpo que é capaz de fazer uma boa obra e actos de coragem se é conduzido pelo sentimento do Dever e pelo espírito cavalheiresco, quer dizer, por uma moral elevada.

Assim se engendra o respeito de si próprio.

Isto não é uma coisa que se deva pregar ao rapaz com mais ou menos termos, mas deixar frutificar; mas isso deverá manifestar-se naturalmente de toda a nossa atitude para com ele. Este sentimento pode ser especialmente desenvolvido dando responsabilidades aos rapazes, confiando neles, — como num cavalheiro, porque eles fazem o seu melhor para cumprir o seu dever, e também tratando-os com respeito e consideração, sem no entanto os lisongear.

BADEN-POWELL

Exploradores Portugueses

(Conclusão da 8.ª página)

peito a este assunto, quando se faziam à vela para o desconhecido.

Com toda a equidade é preciso prestar homenagem a quem de direito. Espero que vós vos lembrareis disto quando encontrardes nos Jamboris os vossos irmãos Escoteiros de outros países.

BADEN-POWELL